



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

LUIZ EDUARDO JARDIM BRITO

**A ECONOMIA DE GUERRA DOS ESTADOS UNIDOS NO PERÍODO DO FIM DA
GUERRA FRIA (1980 A 1991)**

**MACAPÁ - AP
2018**

LUIZ EDUARDO JARDIM BRITO

**A ECONOMIA DE GUERRA DOS ESTADOS UNIDOS NO PERÍODO DO FIM DA
GUERRA FRIA (1980 A 1991)**

Monografia apresentada ao curso de graduação em
Relações Internacionais da Universidade Federal do
Amapá como requisito obrigatório para a obtenção do
título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Miguel Patrice Philippe Dhenin

MACAPÁ - AP

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal do Amapá

Brito, Luiz Eduardo Jardim.

A economia de guerra dos Estados Unidos no período do fim da Guerra Fria (1980 a 1991) / Luiz Eduardo Jardim Brito; orientador, Miguel Patrice Philippe Dhenin. -- Macapá, 2018.

74 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Fundação Universidade Federal do Amapá, Coordenação do Curso de Bacharelado em Relações Internacionais.

1. Economia de guerra. 2. Estados Unidos – Política econômica. 3. Guerra fria. 4. Gastos militares. I. Dhenin, Miguel Patrice Philippe, (orient). II. Fundação Universidade Federal do Amapá. III. Título.

Dedico este trabalho para a minha amada mãe, Deuzanira Nery, por toda a sua maravilhosa trajetória de vida e pela sua incrível perseverança.

AGRADECIMENTOS

Ao término dessa longa e cansativa trajetória, eu começo a pensar em todas as situações e momentos que me fizeram chegar até aqui. Com certeza eu não consegui tudo sozinho, por isso acho importante agradecer a todas as pessoas que me ajudaram diretamente e indiretamente na construção desse trabalho.

Agradeço aos meus pais, Deuzanira Nery e Antonio Brito, por sempre me apoiarem em meus projetos de vida. Por me educarem, por se sacrificarem para me criar e financiarem os meus estudos por muitos anos, contribuindo assim para que eu possa ter condições de construir um futuro melhor em minha vida. Suas histórias de vida me motivam constantemente a ser alguém melhor e todo o amor que eles têm por mim faz com que eu me sinta especial.

Agradeço ao meu irmão, Alan Brito, por sempre me incentivar em meus estudos e por sempre acreditar no meu potencial, mesmo nos momentos mais difíceis de minha jornada.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Miguel Dhenin, por toda sua paciência, dedicação e compreensão durante a realização deste trabalho. Desde quando conheci o tema e decidi desenvolver essa pesquisa, ele se mostrou muito prestativo e com maestria me ajudou na condução desse estudo.

À minha querida namorada, Daniele Tavares, por me incentivar e por me apoiar durante toda a minha graduação e durante os desafios que já enfrentei. Toda a sua ajuda e os seus incentivos me fazem ser alguém melhor a cada dia.

Aos meus amigos da turma R.I 2014, Wendel Júnior, Itanaã Monteiro e Daniele Monteiro, por me acompanharem nessa longa jornada dentro da Universidade e pela incrível amizade que cultivamos nesses anos.

Aos professores do colegiado de Relações Internacionais pelos ensinamentos dentro da sala de aula e pela dedicação para com o curso.

Aos funcionários e funcionárias da Universidade Federal do Amapá, em especial às funcionárias da Divisão de Documentação e Programas Especiais da Biblioteca Central da UNIFAP.

Finalmente, aos pagadores de impostos que me financiaram durante esses quatro anos de graduação dentro da Universidade.

Mudamos o mundo todos os dias. Mas para mudar o mundo de um jeito significativo leva muito mais tempo do que as pessoas têm. Nunca acontece ao mesmo tempo. É devagar. É metódico. É exaustivo. Nem todos temos o estômago para isso.

(Elliot Alderson - Mr. Robot)

RESUMO

A Guerra Fria foi um conflito indireto entre os Estados Unidos e a União Soviética que começou após o fim da Segunda Guerra Mundial, sendo assim, a rivalidade política e ideológica entre ambos persistiu até a década de 1980. O desfecho desse evento histórico ocorreu durante o final da gestão do republicano Ronald Reagan que em seu primeiro mandato reviveu a Guerra Fria, objetivando fortalecer a capacidade militar do país e posteriormente em seu segundo mandato, trabalhou para que as relações diplomáticas americano-soviéticas tivessem o seu melhoramento. Nesse sentido, durante a primeira metade da década de 1980, os Estados Unidos sendo um importante ator internacional, direcionaram o seu planejamento econômico, militar e estratégico para as atividades que viessem a contribuir com uma possível guerra. Este trabalho tem por objetivo central, analisar e compreender como os Estados Unidos se comportaram no que diz respeito ao seu planejamento estratégico e econômico de 1980 até 1991. A metodologia utilizada foi a análise de dados dos gastos militares durante o período do fim da Guerra Fria, juntamente com a análise dos principais projetos e programas desenvolvidos pelos Estados Unidos em sua economia de guerra. A discussão teórica da pesquisa tem por embasamento a contribuição de importantes autores das Relações Internacionais e dos Estudos Estratégicos. Em conclusão, verificou-se que até 1985 a tensão nuclear teve seu ápice e posteriormente a détente retorna nas relações americano-soviéticas.

Palavras-Chave: Economia de Guerra. Estados Unidos da América. Guerra Fria. Gastos Militares.

ABSTRACT

The Cold War was an indirect conflict between the United States and the Soviet Union that began after the end of World War II, thus, the political and ideological rivalry between the two persisted until the 1980s. The outcome of this historical event occurred during the end of the Republican administration of Ronald Reagan, who in his first term revived the Cold War, aimed at strengthening the country's military capacity and later in his second term, worked to have American-Soviet diplomatic relations improved. In that sense, during the first half of the 1980s, the United States, being a major international actor, directed its economic, military, and strategic planning to activities that would contribute to a possible war. The main objective of this study is to analyze and understand how the United States behaved with respect to its strategic and economic planning from 1980 to 1991. The methodology used was the analysis of military spending data during the period of the end of the Cold War, along with an analysis of the major projects and programs developed by the United States in its war economy. The theoretical discussion of the research is based on the contribution of important authors of International Relations and Strategic Studies. In conclusion, it was verified that until 1985 the nuclear tension had its apex and later the détente returned in the American-Soviet relations.

Keywords: War Economy. United States of America. Cold War. Military Budget.

LISTA DE FIGURAS, GRÁFICOS E QUADROS

Gráfico 01. Porcentagem destinada ao Departamento de Defesa dos EUA para gastos com programas militares de 1980 - 1985

Gráfico 02. Gastos dos EUA com defesa de 1980 - 1987

Gráfico 03. Gastos dos EUA com ciência, questão espacial e tecnologia de 1980 - 1987

Gráfico 04. Gastos dos EUA com defesa de 1988 - 1991

Gráfico 05. Estoque de armas nucleares dos EUA de 1980 - 1995

LISTA DE SIGLAS

1. CIA – Central Intelligence Agency
2. EUA – Estados Unidos da América
3. IDE – Iniciativa de Defesa Estratégica
4. INF – Intermediate-Range Nuclear Forces
5. MAD – Mutual Assured Destruction
6. MX – Missile Experimental
7. NATO – North Atlantic Treaty Organization
8. OTAN – Organização do Tratado do Atlântico Norte
9. PNB – Produto Nacional Bruto
10. SALT – Strategic Arms Limitation Talks
11. SDI – Strategic Defense Initiative
12. URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA (OS EUA ENTRE 1980-1991)	13
1.1 BIPOLARIDADE NA DÉCADA DE 1980	13
1.2 OS EUA E A CORRIDA ARMAMENTISTA	20
1.3 O FIM DA GUERRA FRIA	26
2 O DESENVOLVIMENTO DE UMA ECONOMIA DE GUERRA NOS EUA.....	35
2.1 DEFINIÇÃO DO CONCEITO.....	35
2.2 POLÍTICAS E PROJETOS DESENVOLVIDOS.....	40
2.3 AVALIAÇÃO PARCIAL DA POLÍTICA DOS EUA NA DÉCADA DE 1980	45
3 ESTUDO DE CASO: A ASSINATURA DO TRATADO DE FORÇAS NUCLEARES DE ALCANCE INTERMEDIÁRIO EM 1987	51
3.1 OS REFLEXOS DA ASSINATURA NO FIM DA GUERRA FRIA	51
3.2 AVANÇOS E LIMITES DA ASSINATURA DO TRATADO	56
3.3 AVALIAÇÃO FINAL DO TRATADO	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	67
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	70

INTRODUÇÃO

Desde o seu surgimento, os campos de estudo das Relações Internacionais são extensos, a exemplo da Economia, a Ciência Política, História, Geografia e do Direito Internacional. Em meados do século XX, o sistema internacional esteve organizado dentro de uma estrutura bipolar com o advento da Guerra Fria no pós-Segunda Guerra Mundial. A rivalidade política e ideológica entre os Estados Unidos e a União Soviética estabeleceu um ambiente desarmônico no sistema internacional, ou seja, a distribuição de poder ficou atrelada entre os dois grandes, como apontado por Aron:

A característica primordial de um sistema internacional é a configuração da relação de forças, noção que tem vários aspectos e que leva a várias indagações: Quais os limites do sistema? Qual é a distribuição de força entre os diferentes atores? Como se situam os atores no mapa? (2002, p. 154)

A economia de guerra trata especificamente do comportamento estatal diante de um contexto no qual um conflito possa estar ocorrendo ou possa vir a se concretizar. Os Estados, por sua vez, direcionam os seus planejamentos econômicos para atividades que venham a contribuir com a guerra, a exemplo da criação de mais complexos militares-indústrias como ocorreu durante a Guerra Fria. As atividades belicistas em tempos de guerra se justificam principalmente pelo motivo de que os Estados buscam garantir e preservar seus interesses imediatos no âmbito das relações internacionais.

O fenômeno da guerra pode ser analisado por diferentes aspectos, sendo que o econômico diz respeito especialmente aos investimentos destinados para a área de defesa que são aplicados pelos atores internacionais. Na Guerra Fria essa dinâmica se manteve por décadas e a rivalidade existente entre os EUA e a URSS alimentou o conflito indireto entre eles. O reaquecimento da corrida armamentista realizado pelos estadunidenses durante os anos de 1980 foi recebido com reprovação pelos soviéticos. Nesse sentido, é relevante para esse estudo a compreensão de como o comportamento de um Estado influencia diretamente nos outros. Logo, a economia de guerra aparece como um tema interessante tanto para as Relações Internacionais quanto para os Estudos Estratégicos.

A década de 1980 foi central para que a Guerra Fria tivesse o seu fim. Nesse contexto, esta monografia dedica-se a analisar brevemente os onze últimos anos da Guerra Fria nos Estados Unidos no que diz respeito a sua estratégia, aos aspectos econômicos e políticos durante a administração do presidente republicano Ronald Wilson Reagan (1981-1989) na presidência dos Estados Unidos e do também republicano George H. Bush em seus anos iniciais (1989-1991).

O ambiente no sistema internacional durante a primeira metade da década de 1980 encontrava-se tenso e desarmônico entre os dois grandes. Por isso, a guerra sendo um possível evento iminente, fez com que os Estados Unidos direcionassem o seu planejamento econômico em função desse incerto e grave acontecimento. Diante disso, pretende-se ao longo dessa pesquisa, responder a seguinte problemática que serve como o questionamento central para a pesquisa: Como os Estados Unidos se comportaram economicamente e militarmente na década final da Guerra Fria?

O tema foi escolhido, primeiramente, por ser abordado e relevante dentro da área das Relações Internacionais e de suas escolas teóricas. Porque a Guerra Fria foi um período histórico marcante para que as Relações Internacionais se consolidassem ainda mais como uma importante área e fossem disseminadas pelas academias por todo o mundo.

A escolha do tema também é motivada pelo estudo do comportamento estatal diante de possíveis ameaças a sua segurança e a sua soberania, ou seja, a economia de guerra também se mostra um tema bem atual quando se tem a pretensão de estudar e examinar o comportamento dos Estados nas suas relações internacionais com os demais os atores internacionais do globo. Dessa maneira, esse esforço possui relevância científica e também irá colaborar de certa forma com a maior disseminação do tema que não é muito estudado em nível de Região Norte e de Brasil.

De forma geral, esta pesquisa tem como pretensão analisar e compreender o comportamento dos Estados Unidos em seu planejamento estratégico, nos gastos militares e política externa durante o fim da Guerra Fria. Focando especificamente em investigar o que as ações da doutrina Reagan representaram nacionalmente no país e no cenário internacional, avaliando o andamento das relações americano-soviéticas durante o período histórico do final da Guerra Fria.

Para se conseguir tais resultados, o método de pesquisa deste trabalho se centralizou em examinar o funcionamento da economia de guerra dos Estados Unidos no período do fim da Guerra Fria (1980-1991), através da análise de dados dos gastos militares. A pesquisa bibliográfica teve como principais fontes: livros teóricos, revistas especializadas, jornais científicos, teses e artigos já publicados que abordam e relacionam-se diretamente com o tema.

A pesquisa se divide em três importantes partes que juntas conseguem explorar de forma breve a totalidade do tema e servem principalmente como base para compreender como a rivalidade entre os dois grandes teve o seu desfecho.

No primeiro capítulo foi feita a apresentação e a contextualização histórica de como os

Estados Unidos se encontravam de 1980 até 1991, levando em consideração a bipolaridade existente entre os dois grandes, abordando sobre a corrida armamentista e sobre como o conflito indireto teve seu desfecho, listando as principais motivações que levaram a tal acontecimento.

No segundo capítulo, houve a análise pormenorizada do desenvolvimento de uma economia de guerra nos Estados Unidos, buscando assim, compreender e definir o seu conceito. Posteriormente, será feita uma avaliação detalhada das principais políticas e projetos desenvolvidos pelo país, para que assim uma avaliação parcial possa ser feita.

No terceiro e último capítulo da monografia, um estudo de caso relacionado ao tema foi feito, tal estudo trata-se da assinatura do Tratado de Forças Nucleares de Alcance Intermediário (INF, sigla em inglês) em 1987 entre os Estados Unidos e a União Soviética, demonstrando assim os principais avanços, limites e fazendo uma avaliação final do tratado que contribuiu para o fim da Guerra Fria.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA (OS EUA ENTRE 1980-1991)

1.1 BIPOLARIDADE NA DÉCADA DE 1980

O período da Guerra Fria caracterizou-se pela existência de dois grandes polos de poder que substituíram a multipolaridade existente anteriormente na qual os países europeus possuíam a hegemonia do poder mundial. Com o surgimento da ordem bipolar, havia os Estados Unidos com o modelo capitalista e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) com o modelo comunista, como apontado por Aron:

Bipolar é a configuração da relação de forças na qual a maior parte das unidades políticas se agrupa em torno de duas dentre elas, cujas forças superam a das demais. A distinção entre configuração pluripolar e bipolar se impõe ao observador devido às consequências-lógicas e históricas implicadas em cada uma. (2002, p. 203)

Para Hobsbawn (1995, p.225), a Guerra Fria representou um momento no qual as duas superpotências aceitavam a divisão desigual do mundo e fazem um esforço mútuo para que não haja um conflito direto, existindo uma forma de coexistência pacífica a longo prazo. Isto posto, o objetivo desse item é entender os reflexos da ordem bipolar no sistema internacional e em especial nos Estados Unidos durante os últimos onze anos do momento histórico da Guerra Fria.

Na década de 1980, os Estados Unidos buscavam superar a grave crise econômica que trouxe estagnação e inflação durante o mandato presidencial do democrata Jimmy Carter que ficou derrotado nas eleições pelo candidato republicano Ronald Reagan. A disputa pelo status de potência mundial travada entre os Estados Unidos e a União Soviética teve continuidade durante a década de 1980 no decorrer do mandato presidencial de Reagan. Segundo Knopf (2004, p.4), o risco de um conflito nuclear fez com que as duas superpotências evitassem conflitos militares diretos e como resposta, a administração de Reagan propôs o enfrentamento às doutrinas Marxistas onde quer estivessem pelo Terceiro Mundo.

Inicialmente, precisa-se avaliar como o ambiente bipolar impactou na vida política dos dois grandes protagonistas da Guerra Fria e o significado do termo bipolaridade. O ambiente político no sistema internacional mostrava-se conturbado em função do desenvolvimento e do investimento em armas estratégicas¹ por parte dos Estados Unidos e da União Soviética ter crescido.

¹ Mísseis balísticos, antimísseis, ogivas nucleares, submarinos nucleares e todo tipo de arma que garanta o transporte de material nuclear.

Consequentemente, a bipolaridade existente no contexto da Guerra Fria foi marcada principalmente pelo forte medo da ameaça nuclear que poderia vir a se concretizar caso não houvesse um diálogo entre os dois grandes.

Na concepção de Wagner (1993, p.78), o termo “bipolaridade” não tem significado claro e a distinção entre bipolar e sistemas multipolares não é exatamente bem definida dentro das discussões acadêmicas. De forma que há diferença no sentido da palavra bipolaridade para se explicar os comportamentos estatais e para explicar o sistema internacional, por isso a palavra é muito utilizada por autores das Relações Internacionais e o seu significado representa sentidos diferentes para os diversos contextos no qual for usada.

No contexto da Guerra Fria, o sentido de bipolar justifica-se na visão de um mundo que esteve dividido em dois grupos, o grupo capitalista liderado pelos Estados Unidos e o grupo socialista liderado pela União Soviética. O período que compreende o final da Segunda Guerra Mundial até o começo da década de 1970 é marcado pela prosperidade econômica e o ambiente conflituoso entre os blocos capitalista e socialista faz com que a corrida hegemônica ganhe um novo cenário durante essa década.

Segundo Marinho (2010, p.2), o início da década de 1970 se inicia para os Estados Unidos sem o clima de otimismo que estava presente anteriormente e o sistema internacional passa por uma grave crise cambial na qual o dólar passa por um processo de desvalorização afetando o bloco capitalista. Nesse mesmo contexto, o mundo encontrava-se dividido por zonas de influência das duas potências mundiais, ou seja, mesmo com o enfraquecimento econômico, os EUA e a URSS continuaram financiando a disputa pelo status de potência mundial.

O bloco socialista apresentava uma forte dependência econômica e militar da União Soviética, o que afetou diretamente a economia de guerra² dos dois maiores protagonistas da Guerra Fria, especialmente a União Soviética que não conseguiu acompanhar os investimentos dos estadunidenses nas atividades belicistas e em tecnologia. Com a noção do enfraquecimento soviético em uma escala maior, os Estados Unidos sob a liderança de Ronald Reagan, passaram a trabalhar ainda mais na sua reestruturação política e no fortalecimento da economia. De acordo com Marinho:

Os anos 70 foram fundamentais para essa reestruturação do poder imperial global americano, contrariando algumas previsões anteriormente mencionadas. As políticas econômicas modificaram internamente a realidade do país e a política externa seguiu

² Conjunto de atividades econômicas, legais ou não, utilizadas em especial nos tempos de guerra. (Goodhand, 2003).

seu curso, defendendo os interesses de grupos americanos, as vezes ligados ao governo e outras vezes não. Além disso, com a situação decadente da URSS, a lógica seria uma desmilitarização dos Estados Unidos na medida em que o declínio de seu maior inimigo se aproximava. Entretanto, os gastos militares aumentavam absurdamente, reforçando a tese de que o projeto imperial americano ainda estava caminhando rumo ao seu objetivo. (2010, p.8)

Para que haja uma melhor compreensão da bipolaridade nos Estados Unidos na década de 1980 é importante que haja o entendimento do que a doutrina Reagan representou para os Estados Unidos e para o sistema internacional naquele momento histórico da Guerra Fria, ou seja, como a administração do republicano mudou a trajetória política e econômica dos Estados Unidos durante a Guerra Fria e após a crise econômica internacional.

De acordo com essa doutrina, a garantia da segurança da população e a preservação dos interesses nacionais são características essenciais das ações das autoridades governamentais. A ameaça nuclear era o fator norteador, pois o medo de um possível conflito direto se fazia presente entre os protagonistas. Nesse aspecto, Aron postula:

A conjuntura da guerra fria apresenta alguns traços originais, relacionados com a *paz do terror*, e com a dupla *heterogeneidade, histórica e ideológica*, de um sistema que cobre toda a superfície do planeta. Esses traços originais podem ser resumidos com as três palavras: *dissuasão, persuasão, subversão*, que designam as três modalidades da estratégia diplomático-militar da guerra fria. A paz do terror leva ao emprego de uma estratégia de dissuasão. Cada uma das grandes potências, de posse de meios de destruição mais ou menos equivalentes, ameaça recorrer, em caso de necessidade, ao argumento supremo das armas de destruição maciça. Não sabemos se a paz do terror implica a permanência da guerra fria, em caráter definitivo (a alternativa seria o desarmamento geral e controlado), mas sua fase atual tem características especiais. (2002, p. 233)

De acordo com Vaísse (2013, p. 163), com a eleição de Ronald Reagan, os Estados Unidos se afirmaram como líderes do chamado “mundo livre”, dedicando totalmente a sua política externa para encontrar uma saída da crise econômica. Logo, faria que os investimentos no setor bélico pudessem ser retomados de forma maciça e principalmente que a autoridade dos Estados Unidos como ator hegemônico pudesse ser retomada diante da ameaçadora União Soviética que pelo presidente Ronald Reagan era vista como o “império do mal”.

Portanto, as ações políticas do presidente durante os anos 1980 visavam essencialmente melhorar os Estados Unidos ofensivamente e defensivamente caso um conflito direto fosse de fato iniciado e ocorresse com a União Soviética. O tom mais conservador de Reagan fez com que a Guerra Fria revivesse e as suas ideias políticas foram centralizadas em conter o avanço do bloco socialista.

Nesse sentido, é central destacar que os principais projetos políticos adotados pelo republicano foram bem recebidos pelos estadunidenses e posteriormente o crescimento da economia do país fez com que Reagan fosse reeleito para o segundo mandato.

Para Knopf (2004, p.2), a gestão de Reagan se destaca pelo motivo principal de que ele acreditava que a União Soviética poderia ser derrotada e para que isso chegasse a se concretizar, era necessário o aumento da pressão estadunidense na URSS que já se encontrava à beira do fracasso, o líder estadunidense também acreditava que a sua administração seria diferente dos seus antecessores e que a derrota do comunismo era viável durante aquele período da Guerra Fria, ou seja, o objetivo principal dos Estados Unidos após a década de 1970 consistiu agravar a crise política, social e econômica na União Soviética.

Os Estados Unidos sob o comando de Ronald Reagan passaram por importantes transformações e ao assumir o comando do país, a principal política do presidente republicano foi trabalhar na redução de impostos, na redução dos juros elevados, na aplicação de uma política fiscal de livre mercado e principalmente na reativação da economia de guerra americana com o objetivo central de fazer com que a União Soviética se desgastasse economicamente. A política externa do republicano em sua essência buscou conter a expansão comunista por meio do aumento dos gastos com segurança e principalmente fazendo com que o país se desenvolvesse economicamente através da aplicação de suas propostas para o setor, como apontado por Cortez et al.:

As propostas de Reagan para a recuperação econômica baseavam-se nas políticas de *supply-side*, uma ruptura clara com o modelo de inspiração keynesiana de regulação da economia pelo controle da demanda efetiva. Tratava-se de apostar no crescimento pelos incentivos à oferta, à produção e ao investimento, por meio de corte de impostos, redução das regulações e interferências do Estado na economia e fim das políticas contracíclicas. Os incentivos ao investimento e à produção daí decorrente incentivariam a oferta e a recuperação da economia. Tratava-se de drástica ruptura com os modelos keynesianos de regulação da economia e administração da demanda agregadas que vinham sofrendo críticas dos monetaristas como Milton Friedman. (2015, p. 8-9)

É central frisar que durante os anos 1980 os gastos com segurança aumentaram consideravelmente nos Estados Unidos pelo fato de que os soviéticos estavam desenvolvendo armas atômicas e os seus arsenais eram numerosos, fato que conseqüentemente chamou a atenção imediata dos EUA para que os a capacidade militar do país pudesse se equiparar com a da URSS. O maior medo tanto dos Estados Unidos quanto da URSS partia de que o poder de destruição que as armas nucleares produzidas por ambos era imenso e ameaçava a existência de vida dentro dos próprios países.

Quando Reagan se referiu a União Soviética como um grande “império do mal”, sua maior intenção foi mostrar para a população estadunidense do perigo que o bloco socialista representava para o país e para a humanidade, buscando assim fazer uma forte crítica ao modelo político e econômico comunista que era adotado pela URSS.

Conforme postulado por Gaddis (2006, p.26), torna-se difícil buscar a compreensão de como a Guerra Fria de fato começou, pelo fator principal de que não houve declarações de guerra, ataques surpresas e muito menos ameaças de rompimento nas relações diplomáticas. Porém, o sentimento de insegurança no sistema internacional estava ganhando mais força e os Estados buscavam garantir a própria segurança no pós-guerra. Nesse contexto, os Estados Unidos e a União Soviética emergem como os dois principais atores internacionais que visam principalmente trabalhar na preservação de seus interesses diante do cenário desarmônico que estava em formação.

A ordem geopolítica mundial bipolar durante a Guerra Fria influenciou diretamente e indiretamente na vida política, econômica e social dos demais países pelo globo. Diversos acontecimentos históricos estão relacionados com a Guerra Fria, como: a Guerra da Coreia, a Guerra do Vietnã, conflitos entre diferentes grupos étnicos pela África, o financiamento de golpes militares pela América Latina, conflitos pelo Oriente Médio e a divisão da Alemanha em duas partes distintas.

Todos esses acontecimentos históricos estavam atrelados com a influência que os dois grandes estavam exercendo pelo mundo na busca por aliados e a proliferação nuclear representou na Guerra Fria uma constante incerteza na qual os EUA e a URSS temiam o início de um conflito militar direto. O ambiente bipolar persistiu com o começo dos anos 1980 e nos Estados Unidos o medo nuclear também se fez presente.

A bipolaridade na década de 1980 durante a gestão de Reagan foi marcada por importantes discursos com um tom fortemente nacionalista, ou seja, os interesses nacionais e a proteção dos mesmos eram o norte da política externa dos EUA. Tal postura refletia diretamente na União Soviética, que tentava se recuperar do esgotamento econômico que por sua vez trouxe como consequências diretas a diminuição de sua capacidade industrial, o desemprego e principalmente a redução nos gastos com defesa.

A crise política também se agravou com a crise do sistema socialista e a crise social estava piorando de maneira que a falta de alimentos, a ausência de mais liberdade de expressão e o desrespeito aos direitos humanos por parte do governo soviético, fizeram com que a situação do país se tornasse delicada, ou seja, o enfraquecimento da URSS era positivo do ponto de vista estadunidense.

Ao mesmo tempo em que os Estados Unidos almejavam uma coexistência pacífica com a URSS durante a década de 1980, o presidente Reagan e sua administração estavam preparados para tomar medidas mais drásticas que evitassem a ocorrência de um conflito direto se a ameaça soviética adquirisse proporções maiores. Esse sentimento ficou claro no discurso realizado em 23 de setembro de 1983:

We're making America safer for your families by rebuilding a military force that will bring peace through strength. Here, too, we have something important to remind the people. Our military forces had been dangerously neglected before we came in. In 1980 we had planes that couldn't fly, ships that couldn't sail, and troops that couldn't wait to get into civilian clothes. Our major weapons programs were being eliminated or delayed and America was falling behind. But in Washington, the leadership lectured us on our inordinate fear of communism. Well, the savage Soviet attack against the unarmed Korean airliner is a reminder. We live in a dangerous world with cruel people who reject our ideals and who disregard individual rights and the value of human life. It is my duty as President, and all of our duties as citizens, to keep this nation's defenses second to none so America can remain strong, free, and at peace. (REAGAN, 1983)³

De acordo com Vaisse (2013, p.167), a Iniciativa de Defesa Estratégica (IDE) anunciada por Reagan consistiu na instalação de um escudo espacial contra os mísseis balísticos, sendo que toda essa preocupação partia da libertação estadunidense do medo nuclear, a iniciativa consistiu na destruição de mísseis soviéticos antes mesmo que eles chagassem ao solo americano. Logo, é possível notar que o primeiro mandato do republicano foi marcado por uma política mais defensiva centrada no aumento da capacidade militar dos Estados Unidos dentro da lógica bipolar.

O sistema internacional estava conturbado politicamente e economicamente em 1980, pois a crise econômica afetou o bom funcionamento do sistema, mas os impactos da mesma eram sentidos de forma diferente nos países desenvolvidos e subdesenvolvidos. Os atores internacionais acompanhavam o desenrolar do conflito ideológico das duas grandes superpotências.

³ Estamos tornando a América mais segura para suas famílias, reconstruindo uma força militar que trará a paz através da força. Aqui, também, temos algo importante para lembrar as pessoas. Nossas forças militares haviam sido perigosamente negligenciadas antes de entrar. Em 1980, nós tínhamos aviões que não podiam voar, navios que não podiam navegar e tropas que não podiam esperar para entrar em roupas civis. Nossos principais programas de armas estavam sendo eliminados ou atrasados, e a América estava ficando para trás. Mas em Washington, a liderança nos deu uma palestra sobre o nosso medo excessivo do comunismo. Bem, o selvagem ataque soviético contra o avião de guerra coreano desarmado é um lembrete. Vivemos em um mundo perigoso com pessoas cruéis que rejeitam nossos ideais e que ignoram os direitos individuais e o valor da vida humana. É meu dever como presidente e todos os nossos deveres como cidadãos, manter as defesas desta nação em segundo lugar para que os Estados Unidos possam permanecer fortes, livres e em paz. (REAGAN, 1983, tradução do autor)

Para Fisher (2010, p. 277 apud Sá 2014, p.23), os EUA e a URSS partiam do princípio de que a dissuasão baseada na lógica de Destruição Mútua Assegurada⁴ (MAD, sigla em inglês) não tinha sentido pelo principal fator de que ambos os lados tinham posse de armas nucleares que causariam proporções apocalípticas e logicamente nenhuma das partes envolvidas teriam vantagens significativas se uma guerra nuclear fosse desencadeada durante a ocorrência de um conflito direto.

Diante desse contexto, as negociações sobre a redução de armamentos começam a ressurgir nos anos de 1980 e o Chefe de Estado estadunidense afirma que é importante que ambos os países trabalhem nas negociações sobre o controle e redução de armamentos. O cenário bipolar nos anos 1980 nos Estados Unidos foi marcado por um maior apoio popular nos Estados Unidos, mesmo havendo parte da população que reprovava a gestão de Reagan, pois a população passou a entender que o comunismo era um grande inimigo para a democracia estadunidense e para o mundo.

Nesse momento, as relações entre os dois grandes mostraram-se desorientadas e o período que compreende o primeiro mandato de Reagan foi fortemente marcado pelo seu tom mais provocativo com a URSS. A grande intenção do líder estadunidense consistiu em mostrar para a população do país como a URSS simbolizava uma ameaça para os EUA. A ausência de diálogo entre as lideranças políticas de ambos os lados dificultou o processo de diminuição da tensão e as duas partes trabalharam de maneira mais acentuada na contenção da influência um do outro.

Após as impopulares e ineficazes gestões de Yuri Andropov e Konstatin Chernenko durante a década de 1980, a União Soviética passou a ter um protagonismo maior nas relações internacionais e as relações com os Estados Unidos entram em um novo momento durante os últimos anos da Guerra Fria. Na metade dos anos 1980, Mikhail Gorbachev assumiu a liderança política da URSS e um novo cenário emerge na Rússia. Com a indústria cada vez mais defasada, o líder soviético decide dar início para uma política de aproximação com os demais países e principalmente trabalhar em importantes reformas internas que fariam com que o país pudesse se reerguer.

Segundo Knopf (2004, p.10), um fator essencial para o final pacífico da Guerra Fria e da bipolaridade é o fato de que Reagan e Bush se afastaram da postura mais coercitiva quando notaram as mudanças que estavam ocorrendo na União Soviética, principalmente Reagan que quando conheceu Gorbachev, se mostrou mais aberto ao diálogo com o novo líder.

⁴ O uso e a produção excessiva de armas nucleares causaria a destruição de ambas as partes em um possível conflito direto.

Para Mann (2009, p.236 apud Dobson 2014, p.19), Ronald Reagan agiu diferentemente de seus antecessores, que foram mais ideológicos, optando por ser mais pragmático e diplomático. O chefe de Estado argumentava que as negociações com os soviéticos deveriam ser firmadas, trazendo assim um relacionamento estável e mais harmonioso entre os dois grandes protagonistas da Guerra Fria.

Evitando assim, a competitividade na corrida armamentista que crescia com o passar das décadas. Portanto, as análises da bipolaridade durante os anos 1980 junto com as análises das políticas externas das autoridades governamentais são essenciais para entender como a corrida armamentista teve seu papel central durante o período final da Guerra Fria, momento em que os acordos e tratados de desarmamento foram firmados.

1.2 OS EUA E A CORRIDA ARMAMENTISTA

Desde o seu surgimento, a Guerra Fria foi o palco para importantes acontecimentos históricos nas relações internacionais. Abordaremos nessa parte as características da corrida armamentista e o que ela simbolizou para os Estados Unidos, especialmente nos últimos onze anos do conflito ideológico.

Após o fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e os Estados Unidos destacaram-se como superpotências mundiais, dando início assim a uma corrida armamentista, tal acontecimento tornou as relações no sistema internacional desarmônicas e o medo da ocorrência de um conflito direto entre ambas as potências era real.

Conforme Aron (2002, p.153):

Sistema Internacional é o conjunto constituído pelas unidades políticas que mantém relações regulares entre si e que são suscetíveis de entrar numa guerra geral. São integrais de um sistema internacional as unidades políticas que os governantes dos principais Estados levam em conta nos seus cálculos de forças.

O surgimento da bomba atômica, os eventos ocorridos em Hiroshima e Nagasaki fizeram com que o sistema internacional sofresse transformações em sua estrutura, ou seja, o poder nuclear era o princípio ordenador que definia as estruturas da balança de poder entre os atores internacionais de 1945 até 1991. O conflito indireto pela supremacia no campo político e ideológico fez com que as superpotências direcionassem os investimentos de suas economias em atividades belicistas, tendo como objetivo central o fortalecimento imediato das suas capacidades militares.

Dessa forma, a pesquisa, o desenvolvimento de armas estratégicas e o aprimoramento das tecnologias foram fenômenos que cresceram significativamente e tomaram proporções absurdas ao longo das décadas da Guerra Fria.

Na concepção de Waltz (1981), o mundo após 1945 desfrutou de um período de paz no que diz respeito a ausência de uma guerra total entre os principais Estados do mundo. Portanto, com a prevalência da paz foi possível observar como sistema internacional possuiu uma grande capacidade de conter uma guerra total e outros conflitos. Consequentemente, equilíbrio de poder tornou-se menos preocupante, pois durante a corrida armamentista na “paz nuclear”, as duas superpotências dependiam militarmente de si mesmas.

A corrida armamentista em sua essência foi o evento no qual os Estados Unidos e a União Soviética travaram uma disputa no que diz respeito aos investimentos em armas estratégicas e em tecnologia, sendo que tinham como objetivo primário a ampliação de seus arsenais nucleares para competirem entre si. O propósito de ambas superpotências estava em usar do medo e da ameaça como artifícios políticos durante o desenrolar do conflito indireto, pois com o passar das décadas e com as evoluções tecnológicas, como o aprimoramento de satélites, mísseis e foguetes, o poder destrutivo que as armas tinham ameaçavam a existência de vida no planeta.

Segundo Vaïsse (2013, p.165):

No início dos anos 1980, o balanço das forças, segundo o Instituto Internacional de Estudos Estratégicos de Londres, mostra a URSS como a primeira potência militar do globo no plano das forças nucleares. Não apenas a superioridade das forças convencionais do Pacto de Varsóvia é esmagadora, mas a União Soviética instala ainda, na Europa Oriental, a partir de 1977, uma rede de 330 mísseis SS-20. Esse arsenal gigantesco cresce à custa de um esforço financeiro considerável: 5% do PNB para os Estados Unidos; em torno de 15% do PNB para a União Soviética, até onde se pode saber. Assim, a força de ataque obtida seria capaz de aniquilar várias dezenas de vezes toda a vida sobre o planeta.

A corrida armamentista foi sem dúvida um fenômeno importante para as transformações ocorridas no campo da tecnologia, pois a disputa entre os EUA e a URSS fez com que os pesados investimentos em pesquisas desenvolvessem ferramentas de grande importância como o computador, a internet, o GPS, câmeras digitais e entre outras. Esse fenômeno é chamado de *Spill Over*. Os Estados Unidos sob a liderança de Reagan apresentaram um teor mais pacifista, porém isso não significou o abandono da corrida armamentista e da preservação dos interesses do país que eram duas importantes prioridades na política externa estadunidense.

Os sinais de fraqueza que eram consequências da crise política, econômica e social que a União Soviética sofria durante a década de 1980 foram benéficos para os estadunidenses, pois Reagan aumentou os gastos com armamentos ainda mais com o objetivo de desgastar a já enfraquecida economia dos soviéticos.

As áreas de segurança e defesa ganharam mais destaque durante a Guerra Fria e os estudiosos focam nas questões nucleares justamente com o objetivo de explicar as interações entre os atores das Relações Internacionais. Para se ter o entendimento do comportamento estatal dos Estados Unidos nesse período de bipolaridade, é relevante buscar compreender o que levou os Estados a comprarem, desenvolverem e investirem em armas nucleares.

Na visão de Sagan (1996, p. 54) a grande parte dos especialistas das Relações Internacionais e os formuladores de política dos EUA partiram de uma sabedoria convencional para responder de forma coerente e simples os questionamentos sobre a proliferação. Deste modo, os Estados procuravam desenvolver armas nucleares quando se depararam com ameaças militares significativas para as suas seguranças, ameaças que não poderiam ser solucionadas de outras maneiras por meios alternativos e sendo assim, quando não houve o enfrentamento de tal ameaça, o Estado ficou reconhecido como sendo não - nuclear, o que o tornou vulnerável diante dos demais.

Diante desse contexto, a Guerra Fria representou um período de ameaças para todos os envolvidos no processo de forma direta e indireta, visto que a corrida armamentista foi uma disputa que pode ser definida pelo termo “equilíbrio” e as duas superpotências buscavam se equilibrar ao poder nuclear uma da outra. No entanto, é importante ressaltar que a proliferação nuclear não se relacionou apenas com o combate a ameaças.

De acordo com Sagan (1996, p.63) as armas nucleares estavam diretamente ligadas com a preservação dos interesses nacionais e na Guerra Fria, os Estados Unidos buscaram garantir a proteção do seu modelo político e econômico, buscando assim conter o avanço socialista. A proliferação nuclear da corrida armamentista também está ligada com o prestígio estatal em âmbito internacional que foi almejado pela URSS e pelos EUA, ou seja, o status de superpotência nuclear estava em jogo.

Durante os anos 1980, a produção bélica alcançou níveis alarmantes, por isso as discussões sobre a limitação de armamentos ganharam maior destaque dentro das discussões da agenda internacional. As discussões sobre a corrida armamentista não estiveram presentes apenas limitadas aos Estados Unidos e a União Soviética, a tensão nuclear se espalhou por todas as partes do globo e outros países também buscaram aumentar as suas capacidades militares diante do ambiente no qual o sistema internacional se encontrava.

A segurança e a proteção dos interesses nacionais se tornaram prioridades ainda mais relevantes para os Estados durante a Guerra Fria e esse comportamento em âmbito internacional representou que as ações dos dois grandes também influenciavam de certa forma no comportamento estatal dos demais países. Considerando-se que os EUA e a URSS investiam nos seus aliados para aumentarem suas zonas de influência, como explica Vaisse:

A corrida armamentista, aliás, não está limitada aos dois Grandes. Os gastos militares ultrapassaram, em 1981, 450 bilhões de dólares, isto é, um gasto médio superior a 2 milhões de dólares por minuto. As vendas de armas constituem uma das posições-chave do comércio mundial. Apenas os Estados Unidos e a União Soviética representam mais de 72% das vendas. Atrás deles, a França e a Grã-Bretanha detêm 18% das vendas. Do lado dos países compradores, os países do Oriente Médio são responsáveis por algo como 57% das compras mundiais de armamentos contra 13% da África e 12% da América Latina. (1996, p.168)

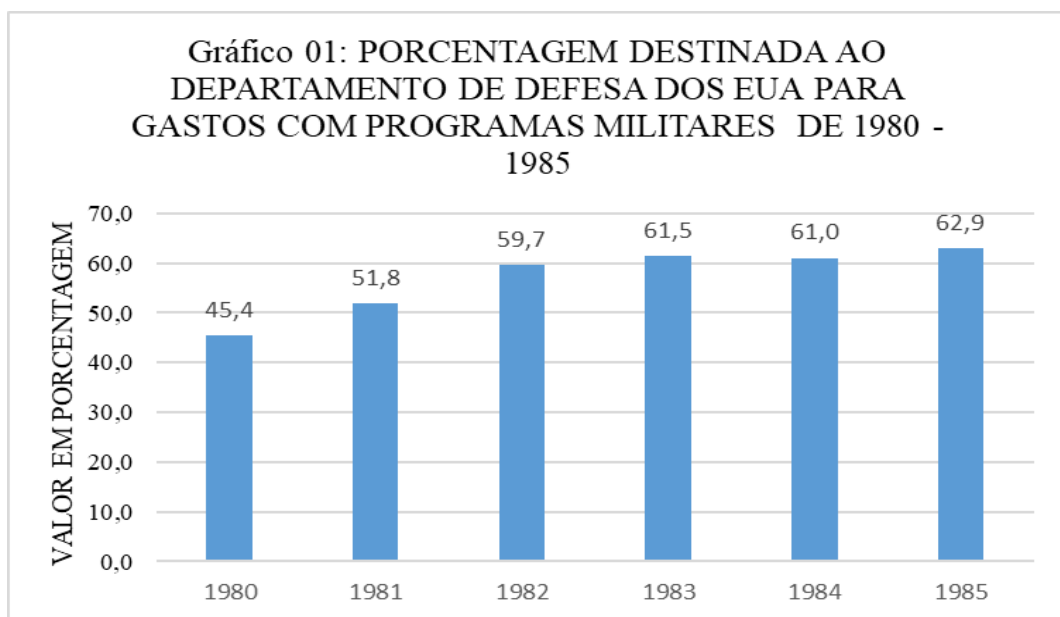
Para os Estados Unidos a corrida armamentista significou uma crise nas relações com a União Soviética e o início de um jogo político-ideológico no qual o bloco socialista representava uma grande ameaça para a democracia estadunidense. O maior exemplo de como a tensão estava instalada nas Relações Internacionais durante a corrida armamentista aconteceu com a instalação de bases militares ao redor do mundo, no qual armas estratégicas como os mísseis balísticos intercontinentais e foguetes com bombas potentes, foram desenvolvidas com a intenção de atingir o inimigo a longas distâncias, o que desencadeou o chamado “equilíbrio do terror” entre as duas superpotências durante o jogo de poder que ocorreu na Guerra Fria.

No que diz respeito ao campo militar, os exércitos das duas superpotências eram numerosos e a produção dos armamentos atingiu seu ápice após o fim dos anos de 1960 antes da grande crise de 1973 do sistema internacional. As grandes produções de mísseis de tipos diferentes, submarinos balísticos nucleares, bombas e armas convencionais fizeram com que no ano de 1972 as autoridades governamentais dos EUA e da URSS assinassem o Tratado SALT-I (*Strategic Arms Limitation Talks*) que colocou limites na produção de armas estratégicas e também proibia o estabelecimento de sistema de defesa antimísseis.

Posteriormente, há a assinatura do Tratado SALT-II em 1979 pelo ex-presidente Jimmy Carter, tratando também sobre a limitação da produção de armamentos. No entanto, com a posse de Ronald Reagan, houve o fim da détente anteriormente estabelecida e o início de uma postura mais consistente na qual o setor militar voltou a um ter papel central. Logo, o planejamento econômico dos Estados Unidos foi direcionado para as atividades bélicas que envolviam a Guerra Fria.

Durante a gestão do republicano Ronald Reagan, em especial no seu primeiro mandato presidencial (1981-1985) a Guerra Fria entrou uma nova fase na qual foi marcada pela aceleração da corrida armamentista e pelo retorno do sentimento de supremacia entre a população estadunidense. Por isso a década de 1980 foi central e o jogo de poder se manteve após os acontecimentos ocorridos nos anos de 1970, como o fim da Guerra do Vietnã na qual Estados Unidos e União Soviética participaram, a URSS indiretamente os EUA participando de forma direta com a principal intenção de conter o avanço do outro lado.

Nos anos 1980, tanto os Estados Unidos quanto a União Soviética possuíam certa noção das capacidades militares um do outro e os investimentos em armas nucleares continuaram sendo parte integrante do planejamento militar e econômico de ambos. Para Reagan, buscar responder à altura dos investimentos na área militar não foi uma tarefa simples. Porém, nos anos iniciais de sua gestão é possível notar o aumento dos gastos com programas militares dos EUA, como consta no seguinte gráfico:



Fonte: Organizado pelo autor; baseado em: *Historical Tables (5.5): White House Office of Management and Budget, 2015*, Disponível em: (<https://obamawhitehouse.archives.gov/omb/budget/Historicals>), Acesso em: 19 de Novembro de 2017.

De acordo com Clausewitz (1979, p.65) a guerra é um duelo de grande escala e principalmente um instrumento no qual o uso da força tem o propósito de obrigar os inimigos a cumprirem as vontades impostas por outro Estado, tornando-os incapazes de oferecerem resistência. No caso de Reagan, um representante político que não possuía nenhum tipo de admiração pelo socialismo, o seu tom conservador transmitia uma mensagem de que os interesses dos Estados Unidos sempre prevaleceriam. Sendo assim, tornou-se necessário tratar das suas medidas para o setor de defesa.

A Iniciativa de Defesa Estratégica (SDI - Star Wars) iniciada durante o primeiro mandato de Reagan em 1983 foi uma medida importante para elevar os Estados Unidos como grande potência nuclear, pois a ideia central de tal projeto consiste na instalação de um grande escudo espacial que protegeria o país de um possível ataque de mísseis balísticos intercontinentais da União Soviética, tornando-os assim, totalmente obsoletos. Para Cortez e Lobo (2015, p.48) o programa Guerra nas Estrelas ofereceu possibilidades para o desenvolvimento militar e tecnológico do país e diante disso, houve o desenvolvimento das áreas de telecomunicações, informática e satélites.

Para Garthoff (1994) os Estados Unidos e a União Soviética foram destinados para uma contínua rivalidade, mas sem a destruição mútua para que ambos possam coexistir. Apesar de toda a rivalidade ideológica e política existente durante a corrida armamentista, as duas grandes potências buscavam algo primordial que era a sobrevivência, pois mesmo com períodos de relaxamento, a concorrência e a convivência continuarão futuramente.

Conforme Higgs (1994, p.290) o acúmulo dos gastos nas despesas militares que incluíram a assistência militar estrangeira, a compra de bens e serviços da transição do cargo presidencial de Jimmy Carter para Ronald Reagan entre 1978 e 1980 aumentaram U\$ 15, 7 bilhões de dólares ou 10,4 % e entre 1980 e 1987 U\$ 84,4 bilhões ou 50,7%. Tais dados econômicos comprovam que a economia de guerra dos Estados Unidos passou por constantes transformações após o final da década de 1970.

A Doutrina Reagan, ao mesmo tempo que representou o fim da *détente* iniciada através do retorno da corrida armamentista, significou principalmente o fim da Guerra Fria. O intuito de Reagan era essencialmente pôr um fim a Guerra Fria por meio de medidas defensivas que fizessem a União Soviética desistir da corrida armamentista, pois a grave crise política e econômica que a URSS enfrentou durante os anos 1980 fez com que o acompanhamento e a atualização de seus arsenais nucleares se tornassem uma tarefa ainda mais complexa.

O segundo mandato do republicano Reagan (1986-1989) foi marcado por um tom conciliador, pois Mikhail Gorbachev mostrou-se mais diplomático do que seus antecessores e buscou primeiramente recuperar a URSS da crise do que dar continuidade na hostilidade mútua existente durante décadas com os estadunidenses. Diante desse cenário, a Guerra Fria entre as duas superpotências caminha para o seu desfecho após a ascensão do líder soviético e suas reformas políticas e econômicas que permitiram a maior aproximação com os Estados Unidos. Este marcante acontecimento histórico no sistema internacional e suas pertinências serão melhor abordados na próxima sessão.

1.3 O FIM DA GUERRA FRIA

Diversos fatores políticos, econômicos, históricos e sociais contribuíram diretamente para o fim do conflito ideológico indireto travado entre os Estados Unidos e a União Soviética desde 1945. A Guerra Fria teve o seu fim definitivo no ano de 1991 e para entender como tal acontecimento teve a sua decadência, será necessário entender o contexto histórico que antecedeu a década de 1980, especialmente a década de 1970 onde o sistema internacional enfrentava uma grave crise econômica. Nesse aspecto, Vaïsse postula:

O fim da guerra fria tem efeitos imediatamente positivos: solução de conflitos regionais, início do processo democrático, mas não é "o fim da história" com que alguns contavam. Muito longe de instaurar uma nova ordem mundial, engendra antes a desordem. (2013, p.213)

Os EUA e a URSS nunca chegaram a se enfrentar diretamente por meio de um conflito militar, mas ambas as superpotências participaram indiretamente e diretamente por meio de financiamentos em outros conflitos e guerras durante as décadas que a Guerra Fria ocorreu. A Guerra das Coreias (1950-1953), a crise dos mísseis em Cuba (1962) e a Guerra do Vietnã (1955-1975) foram eventos históricos nos quais os dois grandes tiveram envolvimento com o principal propósito de apoiar seus aliados para adquirir zonas de influência e todos esses esforços exigiram grandes gastos econômicos e militares, especialmente no que diz respeito à corrida armamentista que crescia absurdamente com o passar das décadas.

Diante desse contexto, a década de 1970 foi central para entender os desdobramentos do que aconteceu na década de 1980 que desencadeou no término do longo conflito ideológico do século XX. O mundo ficou desestabilizado com a crise monetária internacional e todos os países foram afetados pela crise econômica de 1973, mas em níveis diferentes entre os desenvolvidos e subdesenvolvidos.

Conforme defendido por Vaïsse (2013, p.159), as consequências da crise atingiram primeiro os países industrializados e remodelaram a fisionomia do planeta. Ao longo da década de 1970, o crescimento do PIB estadunidense foi negativo. No entanto, com o socialismo entrando em uma série de crises, a União Soviética sentiu muito mais os reflexos da crise. Os países do bloco socialista eram financiados militarmente pela URSS e possuíam forte dependência da mesma, ou seja, uma crise que afetou diretamente os soviéticos também afetava os seus aliados políticos que sem a forte pressão soviética também começaram a realizar mudanças em seus setores políticos e econômicos diante daquele contexto no qual a Guerra Fria entre os dois grandes se encontrava.

A invasão da União Soviética na Guerra do Afeganistão (1979-1989) foi condenada internacionalmente e foi outro ponto que deve ser levado em consideração, pois com o objetivo de aumentar suas zonas de influência pelo globo, a já desgastada URSS lutou contra os rebeldes afegãos. Sendo assim, os Estados Unidos e outros países deram apoio aos rebeldes com a intenção de derrubar o líder comunista que era sustentado pelos soviéticos. Dessa maneira, a crise das relações americano-soviéticas tornou o ambiente tenso nas relações internacionais.

As estruturas sociais foram remodeladas com a crise de 1970, a ocorrência do choque petrolífero fez com que boa parte da Europa e da Ásia tivessem problemas econômicos por causa do bloqueio feito pelos árabes que tinham o objetivo de atingir os Estados Unidos. Porém, como os estadunidenses eram menos dependentes do petróleo, não foram tão prejudicados com tal acontecimento. A estratégia americana em conquistar o apoio em áreas no Oriente Médio centralizou-se justamente na ajuda militar nas guerras que era oferecida pelos Estados Unidos.

De acordo com Saraiva (2008, p.232) a crise mundial prenunciou a mudança do paradigma tecnológico-industrial do capitalismo. Essa mudança de referência econômica reafirmou a inovação do capitalismo praticado em grande parte do mundo diante das experiências socialistas, ou seja, de certa maneira, os acontecimentos ocorridos nos anos da década de 1970 contribuíram para a multiplicação de fenômenos como a denominada globalização liberal, a crise do modelo socialista e os movimentos de regionalização econômica que viriam a serem afirmados nos anos 1990.

A crise ocorrida na década de 1970 mostrou que os Estados Unidos já possuíam considerável vantagem sobre o seu maior rival ideológico, a União Soviética. Por isso, a URSS acumulou ao longo do tempo uma série de problemas econômicos, sociais e políticos. Segundo Rodrigues (2006, p.276) no que diz respeito ao aspecto político, a perseguição a toda forma de dissidência e a negação de liberdade ocasionavam medo, distanciamento e principalmente desmotivação da população para com as metas do regime socialista.

Diante desse cenário, com a contextualização histórica da década de 1970, é relevante tratar da década de 1980 analisando o desenrolar das relações americano-soviéticas durante os últimos anos da Guerra Fria que por sua vez foram reflexos da década anterior dos eventos ocorridos no sistema internacional.

Na visão de Kissinger (1994, p.762) a Guerra Fria começou exatamente quando a América esperava uma era de paz e terminou em um momento no qual a América estava se preparando para uma nova era de conflitos e desafios a serem enfrentados pelo país.

Dessa forma, para compreender as causas do fim do conflito Leste-Oeste é necessária uma análise minuciosa das autoridades políticas que assumiram o poder tanto nos Estados Unidos quanto na União Soviética durante a década de 1980 até o começo da década de 1990.

Muitos estudiosos das Relações Internacionais começaram a analisar os desdobramentos que ocorriam na década de 1980, a exemplo da crise na URSS e sobre as administrações de políticos que contribuíram para que o fim do conflito ocorresse. Diante disso, é central tratar do novo contexto político dos Estados Unidos e da União Soviética na década de 1980 analisando as gestões de grandes autoridades políticas estadunidenses como Ronald Reagan, George H. Bush e do último líder da União Soviética, Mikhail Gorbachev.

Em 1981, Ronald Reagan assumiu a presidência num país ainda debilitado pela crise internacional, mas durante sua campanha e também durante seu primeiro mandato, o tom mais conservador fez com que uma série de medidas fossem colocadas em prática. Tais medidas visavam conter a influência global da União Soviética e recuperar a confiança da população americana com um discurso com teor mais nacionalista no qual os interesses dos estadunidenses eram priorizados na política externa do país, como explica Kissinger:

The communist disintegration became visible during Reagan's second term and turned irreversible by the time he left office. Considerable credit is due to the presidencies preceding Reagan's, as well as to that of his immediate successor, George Bush, who presided skillfully over the denouement. Nevertheless, it was Ronald Reagan's presidency which marked the turning point. (1994, p.764)⁵

O primeiro mandato presidencial de Reagan foi marcado pelo retorno do crescimento da economia de guerra, o que fez com que a corrida armamentista crescesse novamente após acordos sobre o controle de armamentos, ou seja, o clima volta a ficar mais tenso nas relações entre os EUA com a URSS.

As administrações presidenciais inexpressivas de Yuri Andropov e Konstatin Chernenko na União Soviética na década de 1980 fizeram com que os Estados Unidos obtivessem mais vantagens militarmente e economicamente, pois a economia planificada do modelo soviético na qual o Estado controla todos os segmentos econômicos estava se afundando cada vez mais nos anos de 1980. Diante desse contexto, o líder Konstatin Chernenko faleceu no ano de 1985.

⁵ A desintegração comunista tornou-se visível durante o segundo mandato de Reagan e tornou-se irreversível quando ele deixou o cargo. Um crédito considerável é devido às presidências anteriores à de Reagan, bem como à de seu sucessor imediato, George Bush, que presidiu habilmente o desfecho. No entanto, foi a presidência de Ronald Reagan que marcou o ponto de virada. (KISSINGER, 1994, p.764, tradução do autor)

Em seguida, Mikhail Gorbachev assumiu o cargo de liderança da URSS durante o final do primeiro mandato de Reagan e o seu tom mais diplomático foi essencial para a diminuição da *détente* nas relações americano-soviéticas.

Tendo em mente que a União Soviética enfrentava uma grave crise econômica, Gorbachev possuiu uma postura fortemente reformista no que diz respeito a mudanças no setor econômico, militar e político da URSS, buscando o retorno do desenvolvimento para a economia do país.

O fim da Guerra Fria só foi possível graças ao constante diálogo entre as autoridades políticas dos Estados Unidos e da União Soviética que durante a década de 1980 trouxeram as pautas sobre o controle de armamentos novamente para os debates da agenda internacional. Portanto, mudanças importantes da era Gorbachev causaram reflexos na economia da URSS que buscavam solucionar a crise do socialismo que continha diversos problemas estruturais, como apontado por Saraiva:

A nova liderança na União Soviética, a partir da ascensão de Gorbachev, em 1985, propõe uma concepção inteiramente nova da redução de armas convencionais e do controle de armas nucleares, consistindo na aceitação de uma certa desproporcionalidade no desarmamento sobre o terreno e na destruição de todas as armas nucleares. Mais adiante, Gorbachev retira as tropas soviéticas do Afeganistão (1988) e renuncia unilateralmente, ao exigir o abandono do programa "Guerra nas Estrelas" como condição prévia ao esforço de desarmamento conjunto, já provavelmente consciente de que uma nova corrida armamentista conduziria à exaustão do socialismo real. (SARAIVA, 2008, p. 264)

A era Gorbachev foi marcada principalmente pelas execuções dos planos políticos do líder Soviético que moldaram a política externa da URSS. Trata-se da *Perestroika* (Reestruturação) e da *Glasnost* (Transparência) que foram duas importantes medidas realizadas em meados da década de 1980, ambas foram primordiais para que a Guerra Fria tivesse seu fim e o socialismo soviético passasse por um processo gradativo de desintegração.

Segundo Gorbachev (1987, p.135) a distensão entre os dois grandes foi de fato diminuída e a *Perestroika* começou em um momento de crescente tensão internacional no qual tornou-se difícil encontrar respostas para a paz naquele contexto no qual o mundo possuía variados campos de tensão.

Conforme defendido por Rodrigues (2006, p. 217) a *Perestroika* buscou reduzir o grande fardo dos gastos com defesa que estavam prejudicando a economia da URSS, como a modernização do conjunto do mecanismo produtivo e do atendimento das principais demandas sociais, outro objetivo essencial desse projeto, mesmo que não declarado diretamente, consistia em uma forma pedido de rendição encoberto por apelos à paz mundial.

A *Glasnost* consistiu essencialmente em uma série de medidas direcionadas para a reestruturação política com o objetivo central de conseguir uma maior abertura no campo político. Na concepção de Rodrigues (2006, p. 221) o programa de mudanças emergiu como uma reação à pressão que vinha de baixo, mas que foi disparado a partir do centro e por dentro do sistema. Assim, a questão que ficou para os soviéticos consistiu em buscar compreender até que ponto o sistema burocrático poderia se autorreformular.

No entanto, é relevante ressaltar que no campo econômico a *Perestroika* não obteve um excelente resultado como Mikhail Gorbachev esperava, pois os problemas deixados desde a Revolução Russa de 1917 se agravaram na década de 1980. Em contraste a esse quadro, a *Glasnost* obteve mais êxito em sua abertura política, o que possibilitou maior diálogo entre URSS e EUA. Com isso, as relações americano-soviéticas passam por um processo de melhoramento da metade da década de 1980 até 1991 quando o conflito tem seu desfecho, visto que o relacionamento diplomático entre Reagan e Gorbachev alcançava cada vez mais avanços com o passar dos anos.

Em 08 de dezembro de 1987, as relações dos Estados Unidos com a União Soviética atingiram um importante patamar quando tratou-se da diminuição da tensão gerada historicamente pela corrida armamentista. A assinatura do Tratado de Forças Nucleares de Alcance Intermediário (*INF - Intermediate-Range Nuclear Forces*) em Washington D.C foi um marco histórico e de extrema relevância para as relações internacionais no contexto da Guerra Fria, sendo que tal tratado visava essencialmente a eliminação dos mísseis balísticos ou de cruzeiros que fossem convencionais ou nucleares.

O acordo oportunizava que ambas as partes envolvidas no processo pudessem se fiscalizar entre si, ou seja, o clima desarmônico gerado por décadas de disputas nucleares diminuiu em grande escala e a hostilidade entre os dois grandes também estava diminuindo.

Para Halliday (1994, p. 56) o fim da Guerra Fria marcou o desaparecimento de um conflito interestatal que vigorava no sistema internacional desde 1945 e principalmente da conclusão do confronto nuclear entre as duas superpotências. Analisando tal situação das relações internacionais no mundo é complexo e dificultoso que algum bloco de Estados venha a emergir para competir com os Estados Unidos pela hegemonia e pelo status de grande potência mundial, pois apresenta-se com grande fluidez.

Quando se trata de explicar os motivos para o fim da Guerra Fria e dos motivos para o colapso do comunismo no século XX, as justificativas são variadas e juntas criam um conjunto de elementos centrais que de forma mais objetiva explicam o final do conflito ideológico indireto.

Após o ano de 1987, o cenário internacional mais harmônico e a crise estrutural do bloco socialista colaboraram diretamente para a ocorrência de um egrégio evento que foi marcante para que a Guerra Fria chegasse ao seu fim e a União Soviética entrasse em seu processo de colapso, trata-se da simbólica queda do Muro de Berlim na Alemanha que foi construído durante o começo da década de 1960, separando a Alemanha entre ocidental (capitalista) e oriental (socialista).

Ronald Reagan ao assumir a presidência, tinha noção que a União Soviética tinha um arsenal nuclear e um exército superior ao dos Estados Unidos, por esse motivo fez com que a corrida armamentista retornasse e com o surgimento de Gorbachev na liderança da URSS, tal posicionamento passou por mudanças. Dessa forma, durante o seu segundo mandato, o republicano passa a buscar persuadir o líder soviético a firmar acordos de desarmamento com o objetivo central de pôr um desfecho para a Guerra Fria. O famoso discurso de Reagan em 12 de junho de 1987 possuiu um caráter fortemente conciliador e diplomático que entrou para a história política dos Estados Unidos, como podemos ver a seguir:

There is one sign the Soviets can make that would be unmistakable, that would advance dramatically the cause of freedom and peace. General Secretary Gorbachev, if you seek peace, if you seek prosperity for the Soviet Union and Eastern Europe, if you seek liberalization: Come here to this gate! Mr. Gorbachev, open this gate! Mr. Gorbachev, tear down this wall! I understand the fear of war and the pain of division that afflict this continent and I pledge to you my country's efforts to help overcome these burdens. To be sure, we in the West must resist Soviet expansion. So, we must maintain defenses of unassailable strength. Yet we seek peace; so, we must strive to reduce arms on both sides. (REAGAN, 1987) ⁶

A criação do Muro de Berlim em 1961 foi vista pelo sistema internacional como o agravamento da Guerra Fria e a sua queda no ano de 1989 significou ao mesmo tempo o fim do conflito travado entre o bloco socialista e o bloco capitalista. Dessa maneira, as manifestações populares começam a surgir clamando pela destruição do muro e pela reunificação da Alemanha.

Tal marco histórico é extremamente relevante justamente por simbolizar o melhoramento das relações americano-soviéticas durante o final da década de 1980. Diante desse histórico, a Guerra Fria realmente estava chegando ao fim.

⁶ Existe um sinal que os Soviéticos poderiam dar que não seria mal interpretado, seria avançar drasticamente na causa da paz e da liberdade... Secretário-geral Gorbachev, se você almeja a paz, se você almeja prosperidade para a União Soviética e o Leste europeu, se você almeja liberalização: Venha para esse portão! Senhor Gorbachev, abra esse portão! Senhor Gorbachev, derrube esse muro! Eu entendo o medo da guerra e a dor da divisão que afetam esse continente e eu prometo a você que meu país fará esforços para superar essas questões. Sem dúvida, nós no Ocidente devemos resistir à expansão Soviética. Então, devemos manter nossas defesas contra forças indiscutíveis. Ainda assim, nós almejamos a paz, então devemos nos esforçar para reduzir os braços armados dos dois lados. (REAGAN, 1987, tradução do autor)

Para Garthoff (1994 apud Hertle 2001, p.131) a queda do Muro de Berlim em 9 de Novembro de 1989 representou o aprofundamento do colapso da União Soviética e acelerou a deterioração do grande império Soviético que veio a se consolidar em 26 de dezembro de 1991 junto com a demolição da “Cortina de Ferro” que se abriu definitivamente, pois durante a Guerra Fria a divisão da Europa ocidental do Leste Europeu dominado pela União Soviética serviu para aumentar historicamente a *détente* entre EUA e URSS. O fim da Guerra Fria e a fragmentação da URSS são eventos ocorridos em momentos diferentes, mas que o primeiro está diretamente ligado com o segundo.

A Queda do Muro na Alemanha, a insatisfação popular com o governo que apresentava altos níveis de corrupção, os gastos públicos mal direcionados, a falta de liberdade, o fim da “Cortina de Ferro” que dividia países do bloco socialista e capitalista, os acordos firmados com os Estados Unidos sobre a limitação e o controle de armamentos, o crescimento de manifestações populares no pós 1985, a aplicação dos planos político-econômicos da Era Gorbachev, a independência dos países da República Soviética e o aumento da crise do socialismo após a década de 1970 são eventos históricos que juntos fizeram com que a Guerra Fria acabasse, bem como também com que a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas passasse pelo seu processo de desintegração.

As relações amigáveis entre Ronald Reagan e Mikhail Gorbachev foram essenciais para que a Guerra Fria tomasse novos rumos da metade até o final da década de 1980. O papel político de ambos no direcionamento das políticas externas dos EUA e da URSS foi primordial para que a tensão existente no sistema internacional desde o final da Segunda Guerra Mundial fosse diminuída consideravelmente. Nesse contexto, em 20 de janeiro de 1989, o segundo mandato do Republicano Ronald Reagan terminou e o seu Vice George H. Bush assumiu a presidência dos Estados Unidos.

Vale notar a contribuição de Saraiva (2008, p. 319) que compreendeu que com o fim do mundo bipolarizado, as relações internacionais começam a apresentar características de uma fase de transição. Essas tendências começaram a se formar no começo da década de 1990 e a formação de uma nova ordem internacional foi algo que aos poucos vai se concretizando, porém, é necessário examinar os efeitos dessa nova transição e a complexidade por trás desse importante processo no qual o mundo passa a enfrentar as dificuldades dessa substituição.

Em 25 de dezembro de 1991, Mikhail Gorbachev renunciou e transferiu o cargo para o seu sucessor Boris Yeltsin. Portanto, a Federação Russa passa a ser o Estado sucessor da extinta União Soviética e o sistema internacional no pós-Guerra Fria entra no que é denominado de Nova Ordem Mundial.

Nesse sistema, na qual a polarização e a dominação do poder não eram agora limitadas a duas nações, mas em especial pelos Estados Unidos que passou a ser enxergado como grande potência hegemônica no sistema internacional.

Este aspecto também foi comentado por Senarclens (1992 apud Saraiva 2008, p. 318) que considerou que a política internacional não mudou sua natureza nos anos da década de 1990, precisamente por causa do seu caráter anárquico, pela hierarquia das potências, principalmente pela prevalência das relações hegemônicas, as estruturas capitalistas de dominação e todos os conflitos de interesses que se fazem presente no sistema internacional.

Isto posto, o que de fato se observou com o fim da Guerra Fria foi o surgimento de uma nova sociedade internacional que apresentou características parecidas com a antiga estrutura vigente no mundo no pós-1945. Mas que também buscou por novas configurações, novas normas de conduta, novos princípios nas relações internacionais e novas transformações na geopolítica de poder que passam por mudanças com a disseminação da globalização.

Logo, os estudiosos das Relações Internacionais e da Geopolítica deram a nomenclatura para a nova ordem vigente no mundo como sendo uma ordem unipolar. Porém, entre os estudiosos existiu uma outra corrente de pensamento que acreditou que a Nova Ordem Mundial seja multipolar pelo fato de existirem outros grupos de países que pudessem vir a competir a hegemonia mundial com os EUA. Porém, o poderio bélico e nuclear estadunidense ainda é o maior e esse fenômeno é conhecido tratando-se do campo militar como uma “*pax imperial americana*”.

Cabe citar o trabalho de Kissinger (1994, p. 803) analisando que o mundo no pós-Guerra Fria não possui um desafio ideológico primordial ou necessariamente um confronto geoestratégico único. Os Estados Unidos prevaleceram durante a Guerra Fria devido ao seu excepcionalismo, mas as discussões sobre um mundo multipolar continuam no século XXI, sendo que a América terá de enfrentar novos desafios e as definições sobre os interesses nacionais também devem ser repensadas após o fim da Guerra Fria.

Ao contrário do que o senso comum mostrava na década final do século XX, o fim da Guerra Fria não trouxe uma paz total ao mundo e tal década é marcada em especial pelo surgimento e pelo aumento de novas ameaças pelo mundo. O terrorismo, o ciberterrorismo, as desigualdades sociais, o tráfico internacional de drogas, a corrupção e a degradação ambiental são algumas das grandes ameaças que emergem no pós-Guerra Fria. Desse modo, os temas da agenda internacional passam por transformações, como explicado por Vaisse:

O fim da Guerra Fria não faz com que desapareçam as ocasiões de conflito. A distensão planetária observada desde 1985 deve-se inicialmente à distensão entre as duas superpotências, depois ao vasto desengajamento da URSS (imitado pelas forças delegadas cubanas), enfim ao desmoronamento soviético. Essa distensão toma formas variadas: redução das tensões, fim de vários conflitos regionais, democratização. Favorecidos pelo subdesenvolvimento, as lutas por influência, os tribalismos, as particularidades nacionais e religiosas ressurgem em toda parte. (2013, p. 237)

É primordial que se haja o entendimento de que a nova ordem que o mundo passa a presenciar com o fim da Guerra Fria é uma ordem com desafios políticos, econômicos, sociais e culturais diferentes e diversos, tanto para os Estados Unidos sob o comando de George H. W. Bush quanto para a Federação Russa sob o comando de Boris Yeltsin e também para o mundo que assistiu por décadas a rivalidade existente na estrutura bipolar durante praticamente toda a metade do século XX.

É válido notar a contribuição de Hobsbawm (1995, p.251) que entendeu o fim da Guerra Fria como um processo de retirada dos esteios que davam suporte a estrutura internacional, fazendo dessa maneira com que o mundo entrasse em certa desordem por não haver nada que substituísse de imediato a estrutura bipolar mundial. Diante desse cenário, os porta-vozes americanos e as autoridades políticas dos Estados Unidos acreditavam que a Guerra Fria teve o seu “vencedor” e assim a nova ordem seria reconhecida como apenas uma superpotência, o que se mostrou irrealista exatamente pelo fator principal de que os países tinham mudado, os mapas sofreram alterações e há o surgimento de novos atores dentro das relações internacionais.

Em conclusão, o fim da Guerra Fria para os Estados Unidos significou um conjunto de significativas transformações na vida política, econômica, militar e social do país. A economia de guerra dos estadunidenses sofre mudanças e as incertezas tornam-se cada vez mais crescentes no sistema internacional. Para as Relações Internacionais, para a comunidade acadêmica, para as escolas e correntes de pensamento, torna-se cada vez mais complexo estudar e compreender os fenômenos, os atores, os acontecimentos do sistema internacional e como as ações humanas refletem nesse cenário no qual os centros de poder são diversos na sociedade multipolar.

2. O DESENVOLVIMENTO DE UMA ECONOMIA DE GUERRA NOS EUA

2.1 DEFINIÇÃO DO CONCEITO

Para que haja a compreensão do conceito de economia de guerra é necessário antes buscar entender o que é o fenômeno da guerra em si. Durante a Guerra Fria, o que se viu foi um longo conflito ideológico indireto travado entre os Estados Unidos e União das Repúblicas Socialistas soviéticas.

O conflito começou após o fim da Segunda Guerra Mundial e terminou apenas no final da década de 1980 para o começo da década de 1990, e dessa forma, é central entender como as motivações políticas e ideológicas desse conflito influenciaram diretamente na vida política e econômica dos Estados Unidos, analisando como o país se comportou durante esse período histórico.

Na concepção de Clausewitz (1979, p. 75) a guerra é um ato de força que obriga o inimigo a fazer a vontade de outro, pois para que um propósito possa ser atingido, antes de mais nada é relevante que o inimigo se encontre em uma total situação de impotência para que não possa existir a possibilidade de resistência, ou seja, em tese esse viria a ser o verdadeiro intuito da guerra. Portanto, quando se trata de analisar a guerra, o uso da força vem a ser principal ferramenta estatal que propaga o medo e contém possíveis ameaças de inimigos, como ocorreu com o lançamento das duas grandes bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki em 1945 no Japão, realizado pelos Estados Unidos.

Durante a Guerra Fria, o que se observou durante a corrida armamentista era que os pesados investimentos em armas estratégicas estavam diretamente relacionados com o fato de que tanto os Estados Unidos quanto a União Soviética buscavam adquirir o status de principal potência nuclear no sistema internacional, ou seja, a constante busca pela supremacia nas relações internacionais fez com que os dois grandes protagonistas da Guerra Fria criassem um ambiente tenso no qual a busca por zonas de influências, por aliados políticos, pela disseminação de modelos político-ideológico e pelo status de potência hegemônica eram determinantes para que algum lado ganhasse esse conflito.

Conforme defendido por Waltz (2004, p.4) a paz é um dentre os vários fins que são almejados simultaneamente, os meios para se buscar paz são diversos e são aplicados sob diferentes condições. Diante de tal pensamento, para poder se buscar pela paz é necessário primeiramente buscar compreender as causas da guerra. Na Guerra Fria, a causa do conflito político-ideológico indireto estava em especial na busca pelo status de potência mundial e na disseminação de modelos políticos, os Estados Unidos com o modelo capitalista e a União Soviética com o modelo socialista.

Ronald Reagan ao assumir a presidência dos Estados Unidos, tinha o entendimento de que a União Soviética estava tentando se recuperar do enfraquecimento em sua economia e sendo assim, a Doutrina Reagan representou o fortalecimento de diversos setores da economia estadunidense, em especial no que diz respeito ao setor militar. A economia de guerra estava relacionada com o comportamento estatal diante de possíveis ameaças à soberania e aos interesses nacionais, mas para melhor entender a dinâmica da Guerra Fria durante a década final da Guerra Fria, torna-se importante definir o conceito de economia de guerra.

Para Billon (2000 apud Goodhand 2003, p.2) a economia de guerra é definida como um grande sistema de produção, alocação e mobilização de recursos que em conjunto possuem o objetivo primordial de dar sustentação a violência, ou seja, os Estados fazem uma reconfiguração estrutural em suas economias de forma que elas passam a atender especialmente as necessidades relacionadas ao fenômeno da guerra. Dessa forma, as produções industriais e militares direcionam maior atenção para as atividades que envolvam de alguma forma a guerra, seja no setor alimentício, seja com a produção de tecidos, o crescimento dos investimentos em novas tecnologias ou com a construção de mais complexos militares.

Especialmente nas décadas iniciais da Guerra Fria, as atividades belicistas foram priorizadas pela União Soviética e pelos Estados Unidos, pois ambos participaram de conflitos e guerras de forma indireta por meio de financiamento militar. Logo, a economia de guerra também estava ligada com a busca por aliados e no caso dos Estados Unidos, os seus altos investimentos em militarismo serviram principalmente para financiar seus aliados do bloco capitalista em conflitos contra os aliados da URSS. Com isso, a tensão aumentou no sistema internacional, sendo que com a economia de guerra dos dois grandes houve o aumento da corrida armamentista e o fim “paz nuclear” representava grande perigo para o planeta.

Segundo Shafi (2013, p. 75) a economia de guerra tem sido considerada como uma ciência social que analisa especificamente a economia no que diz respeito a guerra, a destruição e a violência que em conjunto se relacionam com a economia determinada pela distribuição, consumo, pela produção de bens e serviços. No entanto, Shafi compreendeu que a definição não era tão simples, pois, incorporou outros fenômenos como o crescimento econômico nacional e as consequências de tal expansão a longo prazo, ou seja, a economia de guerra tem diversas dimensões que englobam estratégias diferentes de acordo com o cenário conflituoso no qual o Estado se encontra, seja em guerras intra-estaduais, interestaduais ou guerras civis.

Tratando-se das guerras entre Estados, como ocorreu na Guerra Fria, os investimentos no setor militar foram priorizados pelos Estados e os outros setores passaram por constantes quedas, recebendo um menor grau de atenção estatal.

Durante o século XX, o conceito de economia de guerra foi utilizado pelos estudiosos das ciências humanas para explicar as grandes guerras ocorridas durante esse período, como a Primeira Guerra Mundial, a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria. As produções tornam-se atreladas ao setor militar justamente para suprirem as necessidades da guerra e tudo que nela engloba, como a manutenção dos grandes exércitos.

Segundo Galbraith (2001, p. 5) dentro da economia de guerra, a obrigação pública era fazer o que fosse preciso para que o suporte militar pudesse concretizar, para que a defesa e a proteção do território nacional fossem concretizadas. Dessa forma, a manutenção do bem-estar social, a solidariedade e a moral das populações deveriam ser preservadas. O desemprego deveria ser contido de forma que o Estado se desenvolvesse economicamente evitando assim as crises políticas, econômicas e sociais.

As economias e as capacidades de produção dos Estados centralizaram-se essencialmente em elevar a capacidade militar do país, já as autoridades políticas, justificaram os elevados investimentos militares como uma forma de elevar o potencial econômico e principalmente como uma forma de se buscar paz por meio da contenção de possíveis ameaças que posassem vir a ferir a soberania estatal. Certos autores com visões mais tradicionais partiram do princípio de que a economia de guerra estava ligada com o desenvolvimento econômico e social das populações, mas ainda houve divergências entre os autores que buscam definir a economia de guerra, como observamos a seguir:

Still there are traditional views in economy which states war economics is beneficial for the economy. This view is expressed by Paul Poast (2006) in his recent book "Economics of War". The layman view is expressed once again as war breaks out; there must be production of weapons, raising out larger army, navy and air forces, by thus creating more employments. This is true, on the other hands, there are certain pitfalls of this view. Because of war, the economy would face inflation in the local markets which have some negative effects on the production and consumptions of the consumers. The direct economic effect of war is it is expansive and it assumes less consumptions and investors started investing on war related business. The negative effects on economy are not long term. But this view on economic explanation has certain loopholes, as this research is based on outside the war and the economy outside war got fewer problems and can easily recover after a certain period of times. But the society where the war broke out has certainly got negative effects on the economy. (SHAFI, 2013, p. 78)⁷

⁷ Ainda há visões tradicionais na economia, que afirmam que a economia da guerra é benéfica para a economia. Esta visão é expressa por Paul Poast (2006) em seu recente livro "Economics of War". A visão do leigo é expressa uma vez mais à medida que a guerra explora; deve haver produção de armas, criando maiores forças armadas, navais e aéreas, criando assim mais empregos. Isso é verdade, por outro lado, existem certas armadilhas

Quando se trata de economia de guerra, não existe um padrão definido no que diz respeito aos modelos políticos ou com modelos ideológicos que aderem a esse tipo de comportamento. A Alemanha nazista foi um governo totalitário no qual a economia de guerra era priorizada dentro do planejamento econômico do país, a União Soviética com o modelo socialista e os Estados Unidos com a democracia liberal do modelo capitalista também, a economia de guerra esteve presente historicamente durante as guerras pelas quais o país enfrentou, sejam estas diretas ou indiretas.

O discurso de tom mais nacionalista que busca a preservação dos interesses nacionais dos Estados Unidos foi marcante durante a gestão de Reagan na Guerra Fria, mas historicamente o país possuiu uma postura firme diante das ameaças nas relações internacionais. Por isso, a adoção de uma economia de guerra já era discutida anteriormente ao surgimento da Guerra Fria, a exemplo do discurso do Ex-presidente Franklin Roosevelt realizado em 29 de dezembro de 1940, alguns anos antes da Segunda Guerra Mundial e do começo da Guerra Fria:

It is no exaggeration to say that all of us in all the Americas would be living at the point of a gun a gun loaded with explosive bullets, economic as well as military. We should enter upon a new and terrible era in which the whole world, our hemisphere included, would be run by threats of brute force. And to survive in such a world, we would have to convert ourselves permanently into a militaristic power on the basis of war economy. (ROOSEVELT, 1940)⁸

Clausewitz (1979, p.91) apontou que a guerra é a continuação da política por outros meios, ou seja, a guerra vem a ser um importante instrumento político no qual o propósito político é a meta e a guerra em si é o meio de se atingir tal objetivo e o meio nunca deve ser considerado isoladamente de seu propósito principal. Sendo assim, a guerra para alguns estudiosos é tida exclusivamente como um fenômeno econômico e para outros como um fenômeno político que possui desdobramentos nos demais setores.

desta visão. Por causa da guerra, a economia enfrentaria a inflação nos mercados locais, que apresentam alguns efeitos negativos na produção e nos consumos dos consumidores. O efeito econômico direto da guerra é que ele é expansivo e assume menos consumo e os investidores começaram a investir em negócios relacionados à guerra. Os efeitos negativos sobre a economia não são de longo prazo. Mas essa visão sobre a explicação econômica tem certas lacunas, uma vez que esta pesquisa se baseia fora da guerra e a economia fora da guerra obteve menos problemas e pode se recuperar facilmente após um certo período de tempo. Mas a sociedade onde a guerra estourou certamente teve efeitos negativos sobre a economia. (SHAFI, 2013, p. 78, tradução do autor)

⁸ Não é exagero dizer que todos nós em todas as Américas viveriam no ponto de uma arma uma arma carregada de balas explosivas, econômicas e militares. Devemos entrar em uma era nova e terrível na qual o mundo inteiro, nosso hemisfério incluído, seria gerido por ameaças de força bruta. E para sobreviver em tal mundo, teríamos que nos converter permanentemente em um poder militarista com base na economia de guerra. (ROOSEVELT, 1940, tradução do autor)

Goodhand (2003, p.2) entendeu que o termo economia de guerra é comumente usado para incluir as diferentes atividades econômicas, sejam estas legais ou ilegais, realizadas precisamente em tempos de guerra ou em tempos que a guerra passa a ser iminente. Logo, a economia de guerra estaria diretamente ligada com a sobrevivência estatal, pois o principal objetivo de um Estado além de garantir a proteção de seus interesses nacionais é também a garantia de sua segurança nas relações internacionais.

Durante a corrida armamentista, a principal finalidade das duas superpotências era desarmar o oponente diminuindo a sua capacidade de guerrear e dessa maneira surge a “paz nuclear”, na qual EUA e URSS aumentavam suas capacidades militares com o passar da década sem entrarem diretamente em um conflito nuclear. Isto posto, é importante tratar do conceito da teoria da economia de guerra permanente (*The Permanent War Economy*) que durante a Guerra Fria foi utilizada para descrever o comportamento dos dois grandes Estados envolvidos no conflito indireto.

Na concepção de Oakes e Vance (1944; 1951 apud Shafi 2013, p. 75) a economia de guerra permanente vem a ser justamente uma corrida de armas prolongadas onde o financiamento governamental e os grandes executivos de corporações trabalharam em conjunto para que o financiamento da guerra se consolidasse. Essa dinâmica explicou a Guerra Fria pelo principal fator de que os Estados Unidos e a União Soviética gastaram exageradamente em armamentos, em desenvolvimento de melhores tecnologias, na corrida espacial e armamentista, tanto que se um conflito direto entre ambos fosse desencadeado, a vida no planeta se tornaria impossível.

O complexo industrial-militar dos Estados Unidos cresceu de maneira significativa durante a Guerra Fria, sendo assim, constatou-se que o setor de defesa estadunidense se fortalecia consideravelmente com o objetivo de ultrapassar a economia da União Soviética. O anticomunismo e o medo da expansão comunista presentes na política externa de Ronald Reagan, fizeram com que nos anos iniciais da década de 1980, os Estados Unidos revivesse a economia de guerra em um momento que a URSS tentava superar seus problemas econômicos.

Shafi (2013, p. 76) explicou que na dimensão tradicional, o aspecto econômico da guerra envolveu a avaliação de fatores políticos e socioeconômicos, englobando assim a sociedade, as administrações e aspectos mais técnicos. Não se restringiu especificamente a fatores individuais, mas sim fatores abrangentes como a política estadual, as desvantagens e as vantagens econômicas na vida política dos países, mudando assim a imagem da economia como se conhece de fato.

Diante desse histórico, definir o conceito de economia de guerra é uma tarefa complexa que exige uma análise minuciosa de todos os fatores econômicos, políticos e sociais que nela estão aglomerados. Durante o período de 1980 até 1991, os Estados Unidos passaram por distintas transformações em sua economia e esse período foi decisivo para que a Guerra Fria tivesse seu fim.

2.2 POLÍTICAS E PROJETOS DESENVOLVIDOS

A década de 1980 representou um novo momento na política externa dos Estados Unidos e um novo cenário para a Guerra Fria travada desde o pós-Segunda Guerra entre os dois grandes. A Doutrina Reagan trouxe um conjunto de medidas, novas políticas e projetos para o enfrentamento ao bloco socialista. O sistema internacional passa a presenciar assim o renascimento da Guerra Fria durante o primeiro mandato do Republicano Ronald Reagan, a lenta recuperação da União Soviética da crise econômica e novas dinâmicas que passam a dar norte para o conflito indireto a partir daquele novo período.

Para Hobsbawn (1995, p. 244) a política adotada por Reagan na presidência dos Estados Unidos em meados dos anos de 1980 simbolizou diversas tentativas de “varrer” a mancha da humilhação sofrida pelos estadunidenses que possuíam uma inquestionável supremacia e uma invulnerabilidade. Em consequência disso, a Doutrina Reagan buscou mostrar através de gestos e medidas o poder militar dos EUA para a União Soviética e para todo o mundo, buscando alcançar novamente o status de grande potência mundial, especialmente no que diz respeito ao status de potência militar.

Inicialmente, as principais políticas e projetos desenvolvidos pelo Republicano Ronald Reagan na presidência dos Estados Unidos focaram em amenizar os efeitos da grande crise econômica no sistema internacional deixada pela década de 1970. A contenção ao avanço comunista no globo foi priorizada pela política externa estadunidense e a economia do país voltou a dar mais atenção para os gastos militares, enquanto a União Soviética buscava recuperar o desenvolvimento econômico.

Na concepção de Jacob (1985, p.7) o primeiro mandato da administração de Ronald Reagan trouxe um conjunto de mudanças nas relações político – econômicas que mereceram a denominação de “revolucionárias”. O termo “Reaganomics” atribuído pelo radialista Paul Harvey, foi utilizado por muitos estudiosos justamente para se referir ao conjunto de transformações na política econômica dos Estados Unidos realizadas por Reagan que posteriormente também receberam a denominação de “boom econômico” que se referia ao crescimento da economia do país em um curto período de tempo.

As mudanças tomaram uma forma cada vez maior e os investimentos no setor defesa cresceram significativamente, pois o poder nuclear da URSS na década de 1980 chegou até mesmo a ultrapassar a capacidade dos EUA. Sendo, assim a Guerra Fria acaba por ser revivida e o período que compreende de 1980 até 1985 foi marcado pelo aumento da tensão nas relações americano-soviéticas.

De acordo com Kaufmann (1983 apud Posen e Evera 1983, p.3) a administração de Reagan deu início ao maior esforço militar desde a Guerra da Coreia ocorrida nos de 1950, pois os gastos de defesa dos Estados Unidos aumentaram de 5,6% do Produto Nacional Bruto (PNB) em 1981 para 7,4% em 1987, ou seja, o crescimento econômico estadunidense estava totalmente ligado com economia de guerra da administração Reagan. Por isso, os principais projetos e políticas desenvolvidas pelos EUA buscaram fortalecer militarmente o país e principalmente dar fim ao medo nuclear existente entre os dois grandes.

O fim da *détente* nas relações americano-soviéticas trouxe novamente o clima de tensão para o sistema internacional, pois os projetos de defesa do governo desenvolvidos no país simbolizaram um tom mais firme e centralizador no que diz respeito a proteção dos interesses nacionais e da garantia da segurança.

Diante desse cenário, o ano de 1983 foi central para a história militar dos Estados Unidos, pois EUA e URSS estavam passando pelo ápice da tensão no conflito político-ideológico quando Ronald Reagan anuncia a criação da Iniciativa Estratégica de Defesa (*Strategic Defense Initiative - SDI*) que era denominado também de *Star Wars*.

Esse projeto tinha como objetivo principal a criação de uma espécie de “escudo espacial” que era capaz de impedir o lançamento de mísseis balísticos soviéticos no território dos Estados Unidos. Essa novidade nos Estados Unidos deixou os russos em estado de alerta e em constante preocupação durante a “paz armada”.

O programa foi considerado uma grande revolução tecnológica e militar, tal inovação foi apresentada por Ronald Reagan em seu discurso no dia 23 de março de 1983 que ao mesmo tempo manteve um tom mais conciliador na intenção de buscar pela paz mundial diante daquele cenário desarmônico:

As we pursue our goal of defensive technologies, we recognize that our allies rely upon our strategic offensive power to deter attacks against them. Their vital interests and ours are inextricably linked - their safety and ours are one. And no change in technology can or will alter that reality. We must and shall continue to honor our commitments. I clearly recognize that defensive systems have limitations and raise certain problems and ambiguities. If paired with offensive systems, they can be viewed as fostering an aggressive policy and no one wants that. But with these considerations firmly in mind, I call upon the scientific community in our country,

those who gave us nuclear weapons to turn their great talents now to the cause of mankind and world peace: to give us the means of rendering these nuclear weapons impotent and obsolete. (REAGAN, 1983)⁹

É importante compreender o pensamento de Glantz (2014, p.8) que analisou que com a promissora Iniciativa Estratégica de Defesa iniciada por Reagan em 1983, a União Soviética se mostrou descontente pelo fato de o seu rival desenvolver um sistema de mísseis antibalísticos para combater os possíveis surgimentos de ameaças soviéticas e esse projeto dos Estados Unidos deixou de fato as lideranças políticas e militares da União Soviética assustadas, por isso muitos chegaram a cogitar que a adoção de tal medida representava a preparação dos Estados Unidos para um possível ataque nuclear e que por parte das autoridades políticas-militares estadunidenses tal medida simbolizava o fim do “medo nuclear” existente naquele período da Guerra Fria.

Conforme defendido por Lazzari (2008, p.1), a Iniciativa Estratégica de Defesa foi um assunto complexo que envolveu três diferentes tipos de escolas de pensamento. A primeira compreendeu que o programa foi um fator primário para o fim do conflito entre Estados Unidos e União Soviética, a segunda entendeu que o programa prolongou o clima de tensão existente no sistema internacional e uma terceira escola parte do pensamento argumentou que o programa teve um impacto positivo para o fim da Guerra Fria.

As principais políticas e projetos desenvolvidos pelos Estados Unidos consistiram em conter o avanço do comunismo pela África, Ásia e pela América Latina. Além de fortalecer os Estados Unidos em primeiro lugar, Reagan também buscava maneiras de fazer com que o controle soviético fosse diminuído nas regiões nas quais os russos tinham certa influência e dessa maneira, os EUA iriam trabalhar para exercer a sua atuação.

A assistência militar aos grupos de guerrilheiros, a maior promoção da democracia liberal, maior promoção do capitalismo através da indústria cinematográfica e da cultura pop (quadrinhos e séries de televisão), a adoção do conservadorismo de livre mercado, o aumento dos gastos com tecnologia e o aumento dos gastos com militarismo fizeram com que a decadência da União soviética se tornasse um processo cada vez mais próximo.

⁹ À medida que seguimos nosso objetivo de tecnologias defensivas, reconhecemos que nossos aliados dependem de nosso poder ofensivo estratégico para deter os ataques contra eles. Os seus interesses vitais e os nossos estão inextricavelmente ligados a sua segurança e a nossa são uma. E nenhuma mudança na tecnologia pode ou irá alterar essa realidade. Devemos e continuaremos a honrar nossos compromissos. Eu reconheço claramente que os sistemas defensivos têm limitações e levantam certos problemas e ambiguidades. Se comparados com sistemas ofensivos, eles podem ser vistos como promovendo uma política agressiva e ninguém quer isso. Mas com estas considerações firmemente em mente, invoco a comunidade científica em nosso país, aqueles que nos deram armas nucleares para transformar seus grandes talentos agora para a causa da humanidade e da paz mundial: dar-nos os meios de tornar essas armas nucleares impotentes e obsoletas. (REAGAN, 1983, tradução do autor)

Para Jentleson (1991, p.73) a administração de Reagan compreendeu que não haviam muitas maneiras de conter o avanço do marxismo e leninismo pelo resto do mundo. Portanto, os planos e projetos da Doutrina Reagan mostraram a grande determinação estadunidense em conter o avanço dos soviéticos, buscando enfraquecer economicamente ainda mais a União Soviética, pois a administração de Reagan era baseada em usar a força se necessário com o propósito principal de se alcançar a paz nas relações internacionais.

Reagan não se mostrou contente com certas posturas tomadas pelos seus antecessores na presidência dos Estados Unidos nas relações com a União Soviética, pois o republicano considerou que a *détente* favoreceu mais o lado soviético do que o lado estadunidense. Conseqüentemente, a Doutrina Reagan representou um novo momento político e econômico para os Estados Unidos no que diz respeito a adoção de uma política externa que possuía o enfrentamento ao bloco socialista como uma das prioridades governamentais:

Ronald Reagan repudiated both the Nixon–Ford– Kissinger policy of *détente* and Carter’s even more conciliatory version of it. He understood more clearly than anyone else in American politics the evil essence of Soviet Communism and how to defeat it. He also understood more clearly than most of his supporters the vulnerability of the Soviet system to sustained economic, military, moral, and political pressure. His unabashed defense of political and economic freedom also restored the nation’s prosperity, self-confidence, and capacity for world leadership. (KAUFMAN, p.6)¹⁰

As reações da União Soviética aos avanços e aprimoramentos tecnológicos-militares dos Estados Unidos durante o período de 1980 até 1985 foram inexpressivas. Yuri Andropov e Konstantin Chernenko tinham consciência da forte debilidade econômica que a URSS estava enfrentando, ou seja, financiar novamente uma corrida armamentista com os Estados Unidos era insustentável pelo principal fator de que o bloco socialista estava passando por um processo de enfraquecimento, pois a URSS estava incapacitada de prestar a ajuda militar e econômica aos seus aliados.

Logo, a influência comunista exercida pela União Soviética estava perdendo apoio e o surgimento de protestos por parte da população começam a emergir pedindo que as crises política, econômicas e sociais fossem remediadas. Haja vista que o regime estava recebendo forte desaprovação por parte da população.

¹⁰ Ronald Reagan repudiou a política de distensão de Nixon-Ford-Kissinger e a versão ainda mais conciliadora de Carter. Ele entendeu mais claramente do que qualquer outra pessoa na política americana a essência do mal do comunismo soviético e como vencê-lo. Ele também entendeu mais claramente do que a maioria de seus defensores a vulnerabilidade do sistema soviético a uma pressão econômica, militar, moral e política sustentada. Sua defesa descarada da liberdade política e econômica também restaurou a prosperidade da nação, a autoconfiança e a capacidade de liderança mundial. (KAUFMAN, p.6, tradução do autor)

Segundo Lazzari (2008, p.34), o ano de 1983 significou o ponto mais elevado nas tensões das relações americano-soviéticas e no ano de 1984 o então presidente Ronald Reagan anunciou que os Estados Unidos estavam preparados para uma maior abertura ao diálogo com a União Soviética. O final do seu primeiro mandato se aproximava e durante o ano de 1985, Reagan buscava um líder soviético disposto a tornar as relações entre os dois grandes mais harmoniosa durante a Guerra Fria. Logo, o surgimento de Mikhail Gorbachev na liderança da URSS marcou uma nova mudança na vida política e econômica da União Soviética.

Na visão de Cortez et al. (2015, p. 16-17) o grande temor de Reagan em relação a expansão do comunismo fez com que os Estados Unidos intervissem em diferentes países durante o decorrer do seu primeiro mandato (1981-1985). A interferência ocorrida na Nicarágua em apoio aos Contras foi um caso bastante famoso, pois além de querer a retirada do governo sandinista no poder, os Estados Unidos possuíram certo temor de que a União Soviética chegasse a estabelecer bases militares na Nicarágua, obtendo acesso ao canal do Panamá e assim criando uma importante localização geográfica soviética na região Central-americana.

A disputa pela hegemonia política, econômica e militar fez com que os Estados Unidos e a União Soviética investissem em defesa de forma pesada, pois, o fato de ambos possuírem armas estratégicas atômicas significou que caso um conflito direto viesse a ocorrer, os níveis de destruição seriam profundos para os dois lados envolvidos na Guerra Fria. A “Destruição Mútua Assegurada” (MAD) representava o extremo tanto para o lado capitalista quanto para o lado socialista e no decorrer da corrida armamentista, ambos os protagonistas buscaram aumentar seus arsenais nucleares e tal corrida foi tão acirrada que nos anos da década de 1980, as capacidades destrutivas das armas adquiridas pelos dois lados seriam suficientes para impossibilitar a vida no planeta:

Os benefícios gerados pelo aumento do gasto militar foram muitos: as forças armadas norte-americanas modernizaram seus equipamentos; o investimento em pesquisa e desenvolvimento militar foi um estímulo para muitos segmentos da economia, em especial para o setor de alta tecnologia; e os aumentos nos gastos com a defesa, somados à retórica de reconquista do poder norte-americano da *Reagan Doctrine*, impulsionaram a confiança do público. O temor de Reagan em relação à expansão comunista fez com que os EUA intervissem em diversos países durante a primeira metade da década de 1980. (CORTEZ et al., 2015, p. 16)

Diante de tal cenário, os diversos acontecimentos nas relações americano-soviéticas nos cinco primeiros anos da década de 1980 foram determinantes para que em 1985 tais relações atingissem o auge do tenso clima entre os dois grandes:

O governo Reagan precisava mostrar à sociedade estadunidense que o país poderia recuperar seu prestígio e lutar para manter sua hegemonia. No entanto, se ignorarmos as disputas dentro do cenário mundial, vendo-as apenas como uma forma de compensação interna, deixaremos de lado que essa luta pela hegemonia dos EUA realmente existiu durante a *Era Reagan*, sendo esta, uma opção do governo estadunidense, colocada em prática no jogo político das nações. As intervenções militares na América Latina e Oriente Médio exemplificam a realidade dessa luta e não apenas demonstrações de poder militar, já que havia objetivos concretos em se retomar a Guerra Fria. (SILVA, 2013, p.7)

Na concepção de Dickey (1985, p. 104 apud Cortez et al. 2015, p. 17), a intervenção estadunidense em El Salvador comprovou a postura firme adotada pela Doutrina Reagan de combate ao Marxismo. A intervenção ocorreu nos meios militares, econômicos e políticos, sendo que Ronald Reagan tinha forte desconfiança de grupos guerrilheiros que poderiam estar sendo financiados diretamente por Cuba e pela União Soviética, ou seja, o patrulhamento militar dos Estados Unidos em diversos países cresceu consideravelmente e o exército estadunidense também passou por um aumento considerável durante a administração de Reagan.

Portanto, os cenários políticos, militares e econômicos nos quais os EUA e a URSS se encontravam até 1985 são totalmente diferentes dos cenários pós-1985. O ambiente no sistema internacional mostrou-se desarmônico em detrimento do renascimento da Guerra Fria e as relações internacionais estavam passando por transições políticas, culturais, sociais e econômicas durante o desenrolar do conflito ideológico na década de 1980.

2.3 - AVALIAÇÃO PARCIAL DA POLÍTICA DOS EUA NA DÉCADA DE 1980

Os anos da década de 1980 além de simbolizarem um rompimento nas relações americano-soviéticas, simbolizaram também a adoção de uma nova postura na política externa estadunidense. Uma nova era se iniciou no país e a Doutrina Reagan representou um novo cenário para o conflito ideológico indireto entre os dois grandes protagonistas da Guerra Fria. Os gastos com militarismo, com novas tecnologias, com o aprimoramento dos exércitos e com o desenvolvimento de mais pesquisas fizeram com que os Estados Unidos voltassem a buscar o status de grande potência mundial, ou seja, o enfraquecimento dos soviéticos durante a década de 1980 já indicava que futuramente a Guerra Fria viria a acabar e a União Soviética passaria pelo seu processo de desintegração:

Torna-se evidente o rompimento do governo Reagan com a política da *Détente*, determinante para a relação entre EUA e URSS durante a década de 1970, quando

ele afirma que naquele momento um congelamento nuclear faria do Estado norte-americano um lugar menos seguro, pois aumentaria os riscos de guerra. Negociações sobre redução de armas, naquele momento, funcionariam como premiações aos soviéticos por seu desenvolvimento militar, enquanto que os EUA seriam impedidos de modernizar suas forças, as quais eram cada vez mais vulneráveis. Dessa forma, Ronald Reagan acreditava que não havia motivos para o governo norte-americano concordar com reduções de armas. Ele afirmava que cada cidadão norte-americano tinha o direito de ter a certeza de que não seria alvo de um ataque soviético e de que o governo norte-americano seria capaz de interceptar e destruir mísseis balísticos estratégicos da URSS ainda em sua primeira fase de lançamento. (CORTEZ et al. 2015, p. 23-24)

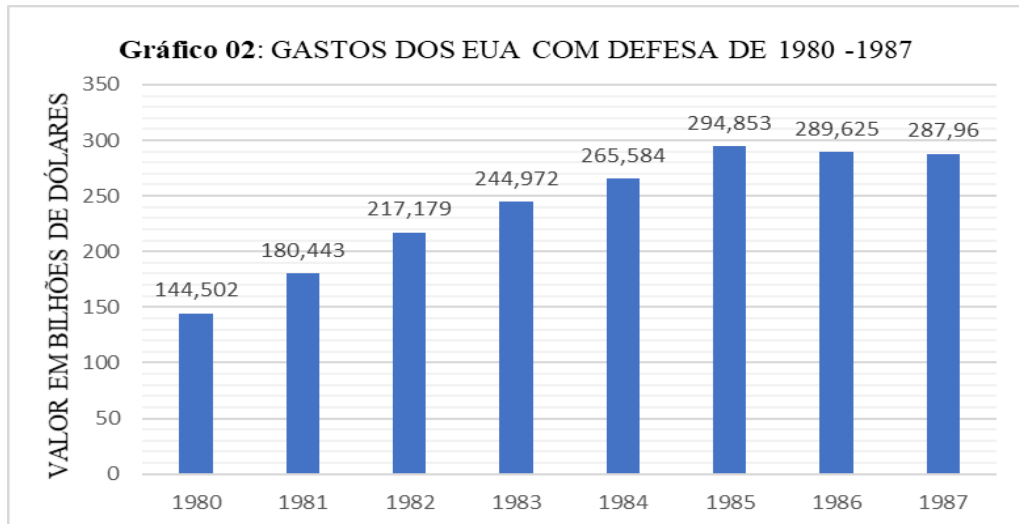
Na concepção de Higgs (1994, p.283) durante quatro longas décadas o governo dos Estados Unidos travou de forma ativa a Guerra Fria com a União Soviética e dessa maneira, mudanças significativas na alocação de recursos ocorreram na vida econômica e política do país com reflexos por todos os demais setores. Diante desse contexto, diversos historiadores, economistas e cientistas políticos passaram a discutir sobre a Guerra Fria, analisando o evento por diferentes pontos de vista dentro das Ciências Humanas.

Quando se trata da economia de guerra dos Estados Unidos, a primeira metade da década de 1980 representou um impacto maior nos gastos militares do país. Pois com o fim da *détente* nas relações americano-soviéticas, os gastos com defesa se tornaram uma prioridade na política econômica dos EUA que naquele período almejavam trabalhar constantemente para que as suas capacidades militares aumentassem. Nesse sentido, a União Soviética deveria se esforçar de forma redobrada para alcançar o seu rival e conseqüentemente tal esforço exigiria demais de sua economia.

O direcionamento dos investimentos para o setor de defesa podem ser explicados por diversos motivos, dentre eles, dois se destacam: trata-se da garantia da segurança que é constantemente buscada pelos Estados em situações no qual ameaças para as suas soberanias existem e a outra situação diz respeito ao status que é almejado. No contexto da Guerra Fria, ter o status de potência militar e econômica era vantajoso para mostrar no sistema internacional a dimensão do poder que se tinha.

A análise de gráficos se fez necessária essencialmente para buscar compreender o crescimento dos gastos em defesa naquele período da Guerra Fria e como esses investimentos explicavam o comportamento e principalmente a política externa que foram adotados pelos Estados Unidos com o passar dos anos.

O próximo gráfico que será apresentado aborda sobre os gastos totais em milhões realizados pelos Estados Unidos durante o final da gestão presidencial de Jimmy Carter na década de 1980, perpassando por todo o primeiro mandato do Republicano Ronald Reagan até chegar próximo ao final de seu segundo mandato na liderança do país.



Fonte: Organizado pelo autor; baseado em: *Historical Tables. White House Office of Management and Budget, 2015*, Disponível em: (<https://www.whitehouse.gov/omb/historical-tables/>), Acesso em: 14 de dezembro de 2017.

Com o final da gestão do presidente democrata Jimmy Carter os Estados Unidos se veem inseridos em um quadro com novas transformações políticas, econômicas e sociais. Conforme mostra o gráfico 02 no ano de 1980, os gastos com defesa do país não estão tão elevados justamente pelo fato de as relações americano-soviéticas se encontrarem parcialmente harmônicas por causa da *détente* iniciada durante a década de 1970 entre EUA e URSS. No entanto, como a União Soviética se encontrava economicamente e politicamente enfraquecida, surge a oportunidade perfeita para que os Estados Unidos se fortalecessem economicamente, politicamente e militarmente. Reagan buscava por negociações com a União Soviética, mas antes que tais negociações viessem a ocorrer de fato, era uma prioridade central para os Estados Unidos que a sua capacidade militar e nuclear tivesse seu crescimento.

É importante citar a contribuição de McMahon (2003, p. 239) que explicou que para Reagan e para seus principais assessores, a década de 1970 deixou os Estados Unidos mais enfraquecidos militarmente do que o seu grande rival, o bloco socialista. Quando os assessores de Reagan assumiram o cargo no ano de 1981, tomaram conta de que a União Soviética estava em vantagem no que diz respeito ao militarismo.

Os investimentos governamentais deram maior privilégio para a corrida armamentista e para a corrida espacial. Tais investimentos estavam sustentando a competição dos EUA com a URSS e como mostra o gráfico 02, em 1980 os gastos com defesa que foram realizados pelos Estados Unidos estavam em US\$ 144,502 bilhões de dólares e na metade da década estavam em US\$ 294,853 bilhões, ou seja, dados que reforçam que a Doutrina Reagan foi bem mais impactante na economia de guerra dos Estados Unidos durante todo o primeiro mandato presidencial.

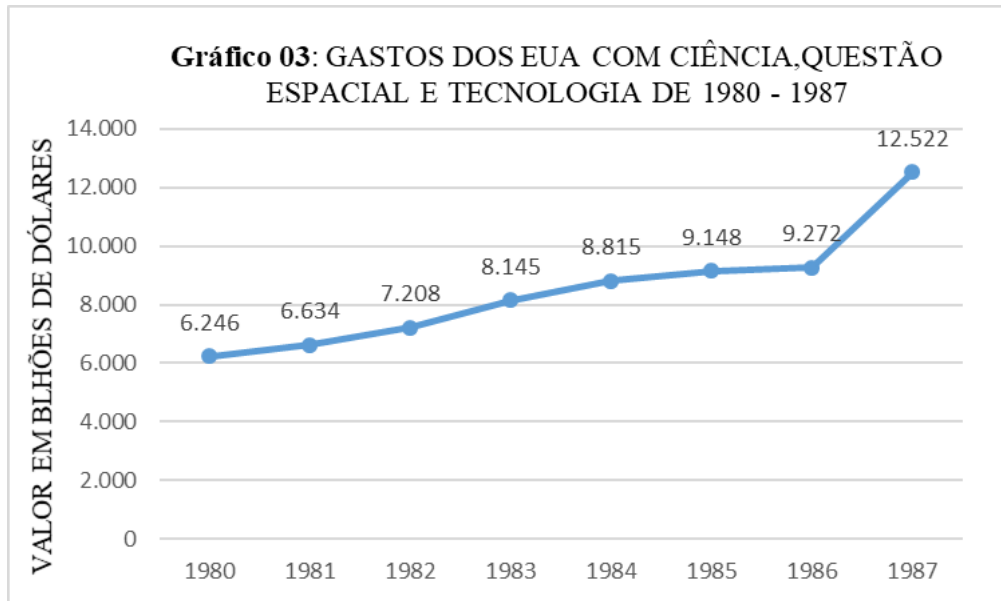
O principal objetivo da administração de Reagan era provar a superioridade dos Estados Unidos para a União Soviética e para todo o sistema internacional, mas as autoridades políticas e o próprio Reagan afirmavam que o fato da Guerra Fria ser revivida na década de 1980 se dava especialmente para que a segurança do país fosse garantida.

McMahon (2003, p. 239) pondera também que Ronald Reagan propôs o que pode ser denominado de “rearmamento” estadunidense, pois o Republicano reativou o programa de bombardeiros estratégicos B-1, conseqüentemente aprovou o programa de bombardeiros estratégicos B-2 (*Stealth*), acelerou a implementação do MX (*Missile Experimental*) e do sofisticado sistema de mísseis submarinos Trident, reforçando também a Marinha estadunidense que passou de 450 navios para 600 e buscou alocar mais fundos para a CIA (*Central Intelligence Agency*) para que as atividades de inteligências pudessem ter prosseguimento em sua gestão.

De acordo com Schaler (2007 apud Cortez et al. 2015, p. 16), em março de 1981 o governo estadunidense definiu o orçamento de US\$ 220 bilhões, sendo este o mais significativo e maior orçamento militar em tempos de paz na história, além disso, Reagan aumentou em 7% os gastos com defesa entre os anos de 1981 até 1985 no final de seu primeiro mandato, no total de quase US\$ 1 trilhão. Tais investimentos possuíram como principais objetivos aumentar a capacidade militar dos Estados Unidos, buscar possuir um arsenal nuclear maior e mais aprimorado do que o arsenal soviético e principalmente buscar enfraquecer o bloco socialista, fazendo com que a União Soviética se enfraquecesse estruturalmente e buscasse por negociações.

Segundo Yost (2001, p. 32), a estabilidade estratégica nas relações dos Estados Unidos com a União Soviética era equivalente a evitar uma possível guerra direta e também a gestão bem sucedida de crises que poderia desencadear uma guerra nuclear, tratando-se da estabilidade nominal, o autor aponta que ela estava longe de ser completamente confiável. Tendo em vista que a competição político-militar entre as duas superpotências poderia vir a causar um confronto no qual o potencial de destruição apresentava níveis alarmantes para os dois lados envolvidos.

O gráfico 03 mostra claramente o crescimento dos gastos dos Estados Unidos com ciência, questões espaciais e com tecnologia durante a administração de Reagan. Durante esse período, os Estados Unidos passaram por um grande processo de aprimoramento tecnológico para poder financiar a corrida armamentista e espacial. Por isso, muitos economistas e estudiosos analisam que os impactos da Doutrina Reagan se estenderam por todos os setores e os Estados Unidos passa pelo seu “boom econômico”.



Fonte: Organizado pelo autor; baseado em: *Historical Tables. White House Office of Management and Budget, 2015*, Disponível em: (<https://www.whitehouse.gov/omb/historical-tables/>), Acesso em: 16 de dezembro de 2017.

Com a análise do gráfico 03 é possível constatar a maior preocupação dos Estados Unidos no aprimoramento tecnológico e nos investimentos em ciência que estavam diretamente ligados com os gastos com defesa, porque a concorrência com os soviéticos não se limitou apenas na questão militar e armamentista. Os anos de 1981 até 1983 do primeiro mandato de Reagan foram marcados por um tom político-militar mais “agressivo” com intervenções em países, com o aprimoramento tecnológico e com projetos centralizados na garantia da segurança dos Estados Unidos (*Star Wars*).

Em 1982, a primeira tentativa de negociação sobre redução de armamentos na gestão de Reagan ocorre em Genebra, o Tratado de Redução de Armas Estratégicas (*Strategic Arms Reduction Treaty, START*), porém a reunião não obteve o êxito esperado. As relações americano-soviéticas tornam-se conturbadas e o diálogo entre as lideranças políticas torna-se de certa forma “inviável”, pois o falecimento das lideranças soviéticas durante a primeira metade década de 1980 prejudicou as negociações entre os dois grandes.

Diante desse contexto, em 1985, Mikhail Gorbachev assumiu a liderança da União Soviética e as relações americano-soviéticas voltaram a ter o seu relaxamento. As relações de Reagan com Margareth Thatcher e Gorbachev foram amigáveis durante a década de 1980. Com isso, as negociações e acordos passaram novamente a fazer parte da agenda tanto da União Soviética quanto dos Estados Unidos. Como mostra o gráfico 02, os gastos estadunidenses com defesa após 1985 passam por uma queda, consequência imediata das boas relações diplomáticas entre os dois líderes.

Segundo Bradford (2013 apud Cortez e Lobo 2015, p. 47) em 1986 a primeira conferência entre EUA e URSS sobre a redução de mísseis balísticos mesmo que não se chegando a um acordo concreto, foi extremamente positiva. Reagan preferiu dar continuidade ao seu programa de Iniciativa de Defesa Estratégica e ainda ofereceu partilhar a tecnologia com a URSS, mas Gorbachev entendia que a ideia das negociações estava justamente em reduzir e acabar com a corrida armamentista iniciado no pós-Segunda Guerra entre os dois blocos:

Outras duas reuniões sobre desarmamento nuclear foram atendidas por ambos os países durante o segundo governo de Ronald Reagan, a mais importante delas ocorreu em dezembro de 1987, onde finalmente EUA e URSS assinaram o *Intermediate- Range Nuclear Forces (INF) Treaty – Tratado de Forças Nucleares Intermediárias*. O Tratado previa que as duas superpotências mundiais da época eliminassem seus arsenais de mísseis balísticos e mísseis cruzadores, convencionais ou nucleares, os quais pudessem alcançar uma distância entre 500 e 5500 km. O resultado desse acordo foi a destruição de 2692 mísseis de pequeno e médio alcance por parte dos Estados norte-americano e soviético até 1 de junho de 1991, data em que o tratado expirou. (CORTEZ, LOBO, 2015, p.48)

Segundo Biagi (2001, p.104), a queda do Muro de Berlim representou o fim do comunismo e a desestruturação do império soviético posteriormente. Logo, o “inimigo” dos Estados Unidos desaparece e a sua política de intervenção global continua através de outras maneiras, como a disseminação da globalização por todo o globo. O desarmamento mútuo entre os dois grandes foi visto com bons olhos no sistema internacional, estava surgindo assim um momento histórico surpreendentemente importante na Guerra Fria.

Para Kissinger (1994, p.785), a ascensão de Gorbachev ao poder trouxe o alvorecer de uma nova era, trouxe mais flexibilização para a tensão na Guerra Fria e as democracias estavam se preparando para buscar em Gorbachev um novo cenário político, econômico e social para a União Soviética e principalmente para as relações internacionais. O segundo mandato de Reagan (1985 – 1988) foi decisivo para que a Guerra Fria pudesse ter seu desfecho e a administração de Gorbachev foi essencial para que a União Soviética passasse pela sua desintegração em 1991 e Boris Iéltsin assumiu a presidência da Rússia, bem como George H. Bush assume a presidência dos Estados Unidos após a saída de Reagan e os desafios a serem enfrentados por ambos novos líderes eram desconhecidos e complexos na Nova Ordem Mundial.

3. ESTUDO DE CASO: A ASSINATURA DO TRATADO DE FORÇAS NUCLEARES DE ALCANCE INTERMEDIÁRIO EM 1987

3.1 - OS REFLEXOS DA ASSINATURA DO TRATADO NO FIM DA GUERRA FRIA

Um dos principais motivos da corrida armamentista entre os Estados Unidos e a União Soviética ter seu desfecho durante os anos da década de 1980 encontra-se nos acordos sobre o desarmamento mútuo entre os dois grandes durante a Guerra Fria. Em vista disso, a assinatura do Tratado de Forças Nucleares de Alcance Intermediário (INF, sigla em inglês) no ano de 1987 entre Ronald Reagan e Mikhail Gorbachev, contribuiu para que o apaziguamento nas relações americano-soviéticas retornasse. Deste modo, pretende-se com este estudo de caso ter-se o entendimento de como a assinatura do tratado internacional entre EUA e URSS refletiu no fim da Guerra Fria, como explicou Woolf:

The INF Treaty contained several features that were new to the U.S.-Soviet arms control process. Although it was not the first treaty to ban an entire category of weapons (a treaty signed in 1975 had banned biological weapons and earlier treaties had banned the emplacement of nuclear weapons on a seabed or stationing them on celestial bodies), it was the first to ban a category that each nation had already deployed and considered vital for its national security needs. Moreover, where prior treaties imposed equal burdens on each side, the INF Treaty called for asymmetrical reductions. The Soviet Union destroyed 1,846 missiles, including 654 SS-20s, whereas the United States destroyed 846 missiles. Moreover, each of the Soviet SS-20 missiles carried three warheads, while all the U.S. missiles carried only a single warhead. (2017, p. 11) ¹¹

O crescimento da corrida armamentista entre os dois grandes fez com que o clima de tensão aumentasse no sistema internacional. Segundo Sagan e Turco (1993, p. 369) durante o começo dos anos de 1980 já existiam cerca de 60.000 armas nucleares por todo o planeta, os EUA e a URSS possuíam boa parte de todo esse pesado armamento. Uma quantia considerável desse armamento era de armas estratégicas que poderiam ser levadas a cabo por aeronaves e mísseis a meio caminho ao redor de todo o mundo, o restante era tido como armamento menos potente, mas que possuíam capacidade destrutiva maior do que as bombas de Hiroshima e Nagasaki. Esse fato comprova justamente como a corrida pelo aumento de armas entre os dois grandes já tinha atingindo níveis alarmantes.

¹¹ O tratado INF continha várias características que eram novas no processo de controle de armas dos EUA e da União Soviética. Apesar de não ser o primeiro tratado a proibir toda uma categoria de armas (um tratado assinado em 1975 proibiu armas biológicas e tratados anteriores proibiram a colocação de armas nucleares em um fundo do mar ou estacionando-os em corpos celestes), foi o primeiro a proibir uma categoria que cada nação já havia implantado e considerada vital para suas necessidades de segurança nacional. Além disso, quando os tratados anteriores impunham encargos iguais de cada lado, o Tratado INF exigia reduções assimétricas. A União Soviética destruiu 1,846 mísseis, incluindo 654 SS-20, enquanto os Estados Unidos destruíram 846 mísseis. Além disso, cada um dos mísseis SS-20 soviéticos carregava três ogivas, enquanto todos os mísseis dos Estados Unidos carregavam apenas uma única ogiva. (WOOLF, 2017, p. 11, tradução do autor)

Kissinger (1994, p. 775-776), analisou que as armas intermediárias (mísseis parcialmente balísticos e de cruzeiro) foram implantadas na Europa através de uma decisão da Organização de Tratado do Atlântico Norte (NATO, sigla em inglês) e projetados para um problema diferente que era combater o grande número de mísseis da URSS. Dessa forma, o argumento em defesa das armas de alcance intermediário era político e não somente estratégico. As lideranças americanas possuíam suas próprias motivações, como trabalhar na garantia da segurança estadunidense e na proteção dos interesses do país para responderem às necessidades europeias durante a Guerra Fria, sendo que os aliados dos estadunidenses na Europa também temiam possíveis ataques por parte da União Soviética.

Conforme Yost (2001, p.10):

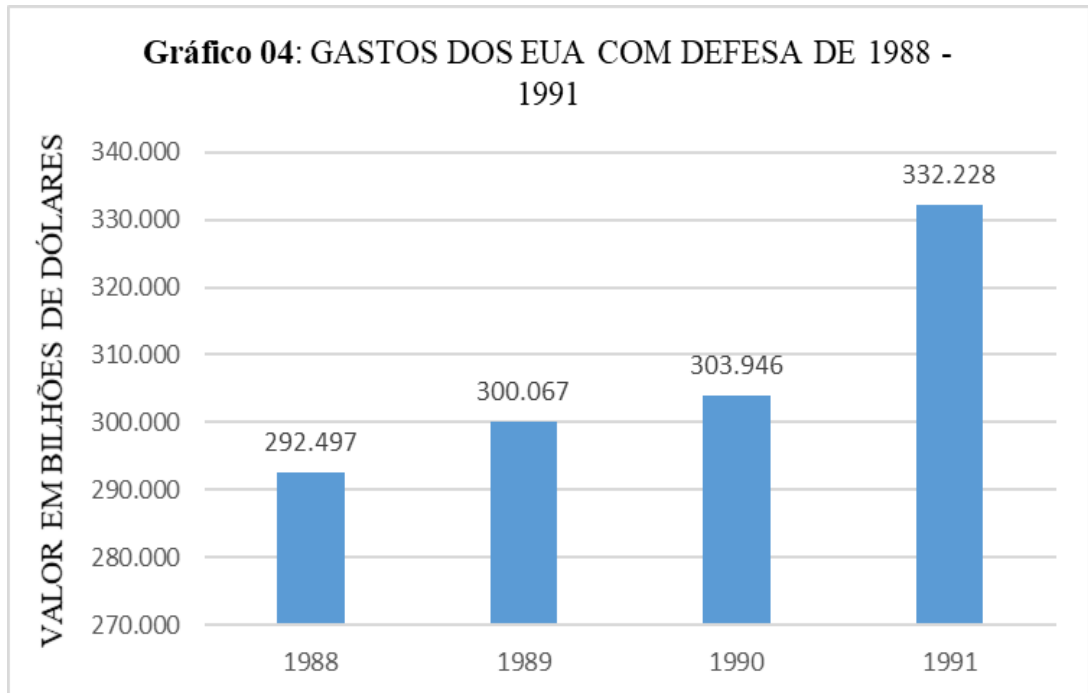
The simple fact of the preeminence of the United States and the Soviet Union in military power and strategic resources in relation to other states during the Cold War period helps to explain their avoidance of a general war. While there were many wars and political upheavals, including "proxy" conflicts with superpower involvement, political leaders in Moscow and Washington were for the most part afraid of events getting out of hand and leading to a nuclear war ¹²

O tratado foi assinado no final de 1987 e de imediato os efeitos positivos foram notados nas relações americano-soviéticas. O período foi marcado pela aproximação diplomática entre EUA e URSS, ou seja, as relações harmônicas refletiram também nas políticas externas dos países que apresentaram novos direcionamentos com as mudanças que estavam ocorrendo naquele período.

Os gastos no setor de defesa feitos pelos Estados Unidos em 1987 (ver gráfico 02) para 1988 mostravam que houve certa diminuição nos gastos militares e os debates sobre desarmamento mútuo acabaram por refletir diretamente na economia do país. Isso comprova que a adoção de novas posturas pelas lideranças políticas dos países modelou as políticas externa que eram adotadas por cada um.

Conforme observado no gráfico 04, os últimos momentos de Ronald Reagan na presidência dos Estados Unidos mostraram que a preocupação com a segurança se manteve, mas em comparação com o começo dos anos de 1980, o receio da ocorrência de um conflito direto com a União Soviética não estava mais presentes entre os estadunidenses.

¹² O simples fato da preeminência dos Estados Unidos e da União Soviética em poder militar e recursos estratégicos em relação a outros Estados durante o período da Guerra Fria ajuda a explicar o evitamento de uma guerra geral. Embora houvesse muitas guerras e transtornos políticos, incluindo conflitos de "proxy" com o envolvimento de superpotências, os líderes políticos em Moscou e Washington tiveram a maior parte medo de que os eventos saíssem de controle e levassem a uma guerra nuclear. (YOST, 2001, p.10, tradução do autor)



Fonte: Organizado pelo autor; baseado em: *Historical Tables. White House Office of Management and Budget*, 2015, Disponível em: (<https://www.whitehouse.gov/omb/historical-tables/>), Acesso em: 21 de Dezembro de 2017.

De acordo com Woolf et al. (2016, p.6), a administração Reagan arquitetou as negociações sobre mísseis intermediários, armas estratégicas de longo alcance e mísseis balísticos. O presidente George H. Bush deu continuidade aos projetos de seu antecessor e ratificou o Tratado Estratégico de Redução de Armas (START, sigla em inglês) em julho de 1991 com Mikhail Gorbachev. Posteriormente, foi observada a desintegração da União Soviética, marcada por reduções profundas em armas estratégicas ofensivas.

O crescimento nos gastos com Defesa no início da gestão de George H. Bush, conforme mostra o gráfico 04, se deu pelo fato de que o país estava enfrentando novos desafios perante o fim da Guerra Fria. Entre eles, os conflitos que estavam ocorrendo no Oriente Médio, como a Guerra do Golfo na qual o uso da força militar se fez necessária e os gastos na área militar aumentaram em detrimento do enfrentamento de novas ameaças totalmente diferentes da Guerra Fria.

De acordo com Scoville (2003), o protocolo de verificação do Tratado de Forças Nucleares de Alcance Intermediário garantiu a redução dos mísseis por meio da combinação de meios técnicos nacionais, como as constantes inspeções nos locais, ou seja, ambas as partes tinham a tarefa de enviar observadores para monitorarem os esforços de eliminação uns dos outros. Os EUA e a URSS poderiam realizar verificações nas bases alheias e bem como em bases específicas criadas durante a Guerra Fria, como as bases na Alemanha do Oeste, Holanda, Itália, Bélgica, Reino Unido e Checoslováquia.

O maior interesse por parte dos Estados Unidos em ratificar o tratado estava no fato de que em meados de 1970, o seu principal inimigo havia feito uma renovação em seu arsenal nuclear. Durante os anos 1980, o poder nuclear dos soviéticos ultrapassou a capacidade nuclear dos Estados Unidos. Portanto, o tratado representou nas relações americano-soviéticas um grande avanço nas relações diplomáticas das duas superpotências.

De acordo com o parágrafo 2 do artigo 4 do Tratado de Forças Nucleares de Alcance Intermediário (UNITED STATES OF AMERICA, 1987), as duas partes que compõem o tratado deveriam começar e dariam continuidade com a redução dos mísseis de alcance intermediário implantados e não implantados, bem como as estruturas de suporte e equipamentos relacionados aos mísseis. A eliminação dos mísseis assinalou que ambas as partes estavam dispostas a deixarem a disputa política e ideológica em detrimento da busca de relações mais harmônicas que mantinham o sistema internacional mais equilibrado.

Conforme defendido por Nolan (1991 apud Caldwell e Krepon 1991, p. 358) o tratado foi, do ponto de vista formal, um acordo bilateral e desde o seu início um evento multinacional no sentido de envolver os países de outros continentes pelo mundo, no que diz respeito às discussões sobre o desarmamento. As armas foram programadas para serem implantadas na Europa e na Ásia, as discussões sobre as limitações atingiam diretamente os interesses econômicos, políticos e principalmente militares dos países da OTAN e do Japão. Portanto, a opinião política aliada naquele contexto era um fator determinante na elaboração da opinião política dos Estados Unidos, mesmo que o país se mostrasse ou não favorável aos anseios dos seus aliados durante a Guerra Fria.

Consequentemente, a Doutrina Reagan e a sua administração ganharam maior prestígio e apoio popular. O mesmo passou a ser lembrado como o presidente que teve o papel crucial para que a Guerra Fria entre os dois antigos rivais ideológicos terminasse de forma diplomática.

A administração Reagan e as medidas tomadas por Gorbachev contribuíram diretamente para que a *détente* que foi vista durante os anos de 1970 retornasse e para que o sistema internacional entrasse em um novo cenário após os anos de 1980, sendo assim, a principal característica dessa ordem nova consistiu no fato que as estruturas de poder não estavam somente limitadas aos dois grandes. O importante papel internacional dos Estados Unidos volta a ganhar mais destaque durante a gestão de Reagan, como bem explica Cortez et. al:

O governo Reagan combinou três processos complexos e a interação entre eles

resultou na recuperação e na consolidação da posição de liderança internacional dos Estados Unidos na capacidade diplomática e militar, na supremacia econômica e na posição do dólar. A interação entre os três não foi planejada e havia aspectos contraditórios entre si. A combinação entre eles é um componente relevante para a análise do que ocorreu no período e de como se dão os processos econômicos e políticos nos Estados Unidos. (2015, p.27)

Conforme o parágrafo primeiro do artigo 15 do Tratado de Forças Nucleares de Alcance Intermediário (UNITED STATES OF AMERICA, 1987) o tratado possuía duração ilimitada, pois havia a certeza de que uma possível guerra nuclear entre as duas superpotências deveria ser permanente. No entanto, o segundo parágrafo do mesmo artigo explicou que cada parte no exercício de sua soberania poderá ter o direito de se retirar do tratado com a justificativa de que algo poderia estar comprometendo seus interesses fundamentais. Logo, o tratado de 1987 veio especialmente para dar um desfecho na corrida armamentista e a administração de Reagan se consolidou ainda mais.

De acordo com o que postula Mello Filho (2010, p.145) o presidente Ronald Reagan durante os seus dois mandatos presidenciais (1981-1988) usou os seus discursos como forma de exercer certa influência sobre a opinião pública, mobilizando alguns elementos do senso comum americano, como o despertar novamente o sentimento de nacionalismo da população e trabalhar na proteção dos interesses do país para conseguir aprovação em seus projetos políticos e econômicos. Reagan foi um “grande comunicador” quando usou os dados sobre os gastos militares a seu favor, falando constantemente em bilhões de dólares. Mas a exceção aconteceu quando se tratou dos gastos com defesa que são mencionados na maioria das vezes por porcentagem.

O confronto ideológico e político entre as superpotências estava sendo resolvido através de meios diplomáticos nas negociações, pois a União Soviética compreendia a grave crise política, econômica e social pela qual estava enfrentando. Os Estados Unidos, por sua vez, não queriam mais dar continuidade ao conflito indireto justamente por ser um processo que exigia muito da economia do país, mas também queriam se firmar como o maior ator internacional e ter tal reconhecimento no mundo.

Knopf (2004, p.3) ressaltou que o presidente Reagan rompeu com a sua prática diplomática tradicional com uma retórica mais áspera, pois em seu primeiro mandato na presidência do país, a sua grande prioridade era combater o bloco soviético e principalmente o avanço do comunismo pelo mundo. Durante seu segundo mandato, ele se manteve mais focado em negociar e buscar soluções para que os problemas entre os Estados Unidos e a União Soviética fossem solucionados diplomaticamente.

Por conseguinte, o que se pode compreender no que concerne aos reflexos do tratado no fim da Guerra Fria foi que os esforços conjuntos almejados por Mikhail Gorbachev na liderança da União Soviética e pelo Republicano Ronald Reagan na liderança dos Estados Unidos foram manifestados pelas negociações sobre desarmamento mútuo. As mesmas foram eficazes e fortemente eficientes, a exemplo do Tratado de Forças Nucleares de Alcance Intermediário que após ser duplamente reconhecido pelas partes colocou um fim ao medo nuclear existente desde o final da Segunda Guerra Mundial.

3.2 - AVANÇOS E LIMITES DA ASSINATURA DO TRATADO

O Tratado de Forças Nucleares de Alcance Intermediário possui uma série de artigos e parágrafos que versavam exatamente sobre a eliminação de mísseis por ambas as partes envolvidas. O tratado possui uma série de limites e no que diz respeito a consolidação de boas relações diplomáticas, se mostrou extremamente eficaz, trazendo assim uma série de avanços nas negociações sobre o desarmamento mútuo naquele período, como explicou Bohlen et.al:

The INF Treaty provided for the elimination of all ground-based intermediate-range and shorter-range missile systems—that is, missiles with ranges between 500 and 5,500 kilometers—worldwide from the inventories of the two nations. As a result, the United States eliminated all of its Pershing II, GLCM, and Pershing. A missiles and launchers. The Soviet Union eliminated all of its SS-20, SS-4, SS-5, SS-12, and SS-23 missiles and launchers. The treaty set a three-year period, following entry into force, for the elimination of all the systems that were to be destroyed under its terms. (2012, p.12)¹³

Apesar de outras negociações ocorrerem anteriormente ao surgimento do Tratado INF (sigla em inglês) o seu maior destaque em relação aos demais acordos foi justamente em ser o primeiro tratado que versava sobre a destruição de armamentos já existentes e não necessariamente sobre apenas redução da produção de novos armamentos feito por ambas as partes.

O mundo assim passou a presenciar um novo momento político na interação entre os grandes atores internacionais. A limitação e a eliminação de armamentos simbolizou antes de tudo que os dois rivais estavam dispostos a desistir da hostilidade e do antagonismo ideológico existente em suas relações.

¹³ O Tratado INF providenciou a eliminação de todos os sistemas de mísseis de alcance intermediário e de alcance mais curto, ou seja, mísseis com intervalos entre 500 e 5.500 quilômetros em todo o mundo dos estoques das duas nações. Como resultado, os Estados Unidos eliminaram todos os seus Pershing II, GLCM e Pershing. Um mísseis e lançadores. A União Soviética eliminou todos os seus mísseis e lançadores SS-20, SS-4, SS-5, SS-12 e SS-23. O tratado estabeleceu um período de três anos, após a entrada em vigor, para a eliminação de todos os sistemas que deveriam ser destruídos sob seus termos. (BOHLEN et al., 2012, p.12, tradução do autor).

Conforme defendido por Bohlen et al. (2012, p. 2-3), o bom resultado das negociações do tratado possui uma série de fatores por trás, dentre eles, destacaram-se seis fatores essenciais que foram: o impacto da mudança política, a conciliação dos interesses na área de segurança que buscou no tratado a resolução desse problema, a solidariedade da OTAN, a criação de um ambiente seguro para que a estratégia dos países pudessem ser melhor pensadas, o papel das inovações, finalmente, a condução para uma política diplomática mais harmônica nas relações internacionais no sistema internacional. Essa série de fatores formaram um conjunto importante que explicaram a dinâmica existente durante as negociações na segunda metade da década de 1980. Os esforços alcançados pela União Soviética, pelos Estados Unidos e pela OTAN influenciaram diretamente no sucesso nas transações políticas e econômicas durante as negociações no final da Guerra Fria.

Os principais avanços que o Tratado INF trouxe foram justamente relacionados com a segurança, pois a destruição dos armamentos já existentes e a pausa na produção de novos armamentos representou, naquele contexto, uma grande evolução nas relações diplomáticas entre EUA e URSS. Tais transformações relacionadas aos gastos com defesa já podem ser notadas durante o final do mandato presidencial de Ronald Reagan e durante o primeiro mandato do seu sucessor George H. Bush.

Segundo Bohlen et al. (2012, p. 15), o Tratado INF era o único que envolvia um país, no caso os Estados Unidos, no qual por sua vez estava realizando uma negociação bilateral que estava diretamente relacionada aos principais interesses de segurança dos demais países e bem como de uma aliança inteira, pois a Europa representava ali a ‘barreira nuclear’ dos EUA no caso da ocorrência de uma Terceira Guerra Mundial. Dessa forma, os Estados Unidos no papel de maior administrador de energia nuclear da aliança, deveriam buscar soluções para os conflitos existentes com a União Soviética

Por isso, é central destacar que o tratado não representou apenas o melhoramento das relações americano-soviéticas, mas sim a garantia efetiva da segurança mútua no sistema internacional que desde a década de 1940 presenciava o crescimento da tensão entre os dois grandes protagonistas do conflito político-ideológico.

O diálogo entre os dois grandes colocou fim na antiga dinâmica vista no final da Segunda Guerra e no começo da década de 1980, na qual a prioridade dos Estados Unidos na sua política externa era conter o avanço do comunismo e a União Soviética, buscava conter o avanço do capitalismo. A “paz do terror” esteve presente nas relações americano-soviéticas desde o começo do conflito indireto até metade dos anos de 1980 e nesse sentido, Aron postula:

A paz do terror difere fundamentalmente de todos os tipos de paz de potência (de equilíbrio, hegemonia ou império). Seu equilíbrio de forças é sempre aproximado, equívoco; ameaçado a cada instante pela mudança de lealdade de uma unidade secundária, ou pelo desenvolvimento desigual dos Estados principais. A estimativa das forças tem um elemento aleatório: só na luta armada revelam-se as qualidades dos exércitos e dos povos. O desenrolar das hostilidades em conformidade com combinações diplomáticas e estratégicas traz a esse quadro incertezas suplementares. Pode-se conceber que o terror tenda à certeza técnica: a destruição que o mais fraco pode causar ao inimigo talvez não seja mensurável antecipadamente, mas é sem dúvida suficiente para tornar a guerra insensata, do mesmo modo como a resistência de uma ponte, ainda que não exatamente qualificável, deve ser suficiente para sustentar o peso máximo previsto. (ARON, 2002, p. 230)

Thompson (1985, p.21-22) entende que a rivalidade travada anteriormente à assinatura do tratado entre os EUA e a URSS poderia ser explicada por um modelo simples de ação e reação, ou seja, cada líder buscava reagir de acordo com o posicionamento do outro. Por isso, os investimentos feitos em Defesa e tecnologia pelos Estados Unidos durante a corrida armamentista deveriam proporcionais ou superiores aos da União Soviética, sendo que o status de grande potência militar durante a Guerra Fria foi uma busca constante por parte dos Estados Unidos.

Os Estados Unidos após a assinatura do Tratado INF não largaram o objetivo de se tornar a principal potência militar e com a maior economia do mundo, mas no que diz respeito aos avanços alcançados pelo tratado, o fim da tensão nuclear foi crucial para que a Guerra Fria entre as duas superpotências acabasse, sendo que o fim dos pesados investimentos em armas estratégicas simbolizava também o fim da longa competição entre ambos.

Na visão de Aron (2002, p.657) a afirmação de que duas grandes potências dominantes no sistema internacional são irmãs, mesmo sendo rivais pode ser considerada banal, mas não um paradoxo. Logo, se uma delas não viesse a existir, a outra superpotência reinaria isoladamente e conseqüentemente, os candidatos ao mesmo trono possuem características em comum, ou seja, tornar-se-ia impossível evitar que os “grandes” adotassem princípios semelhantes e, assim, acabaram por manter um diálogo. Tal comportamento foi observado durante a Guerra Fria nas relações entre Washington e Moscou.

Para os estudiosos das Relações Internacionais, o Tratado INF representou uma reconfiguração nas estruturas de poder do sistema internacional, que sempre esteve atrelada aos EUA e a URSS. Os Estados Unidos passaram a ser o principal ator e os desafios que o país iria enfrentar no pós-1987 eram repletos de incertezas. Na ausência de uma grande ameaça que nem era o bloco socialista, o país passa a enfrentar problemas diferentes.

Conforme defendido por Ávila et al. (2009, p.50) a distribuição de poder no sistema internacional durante boa parte da Guerra Fria foi determinada pela posse de armamentos termonucleares, pela capacidade que cada país tinha relacionado com o desenvolvimento de mísseis balísticos intercontinentais e também pela capacidade de defesa no que diz respeito à segurança nacional. A década de 1980 demonstrou claramente a falta de capacidade da União Soviética de sustentar uma custosa corrida armamentista com os Estados Unidos:

O Tratado INF foi assinado em 1987 e entrou em vigor no ano seguinte. Seu alvo principal eram os mísseis soviéticos SS-22 e seus congêneres (SS-12/SS-23), que podiam varrer o continente europeu a partir das posições soviéticas na Europa do Leste. Considerada a arma mais mortífera para os europeus devido ao seu grande número e mobilidade, os SS-22 eram capazes de assestar golpes termonucleares de impacto equivalente à explosão de meio milhão de toneladas de TNT. Esses mísseis e suas ogivas eram um dos principais sistemas de armas estratégicas no arsenal soviético e foram desmantelados em 1988, em cumprimento ao Tratado INF. Para uma eventual denúncia do INF, como prevê seu art. 15, basta que uma parte notifique a outra com seis meses de antecedência. E sem o INF a Europa poderia voltar a ser um teatro de operações central no caso de uma guerra termonuclear. (ÁVILA et al., 2009, p. 54).

O Tratado INF foi crucial para o fim da Guerra Fria e simbolizou uma mudança brusca no direcionamento de Ronald Reagan na presidência dos Estados Unidos. No seu primeiro mandato, se observou o retorno da Guerra Fria e no seu segundo mandato, foram lançadas importantes negociações e acordos diplomáticos que colocaram um desfecho na disputa por armas estratégicas.

A eliminação mútua de mísseis realizada pela URSS e pelos EUA após o ano de 1987, comprovou que ambos os lados estavam dispostos em largar o tom mais agressivo e prontos para um novo momento no qual as relações internacionais estavam entrando em um relaxamento.

Na concepção de Woolf (2017, p.12), sobre os limites centrais do Tratado INF, o artigo 3 do acordo enumerava todos os mísseis existentes nos EUA e na URSS no momento da assinatura do tratado. Os mísseis de alcance intermediário, médio alcance, curto alcance e mísseis mais antigos foram destruídos. O tratado apresentou em seus artigos e parágrafos uma série de proibições que serviam com o principal objetivo de limitar a produção em massa de armamentos. A proibição do Tratado INF no que concerne os mísseis balísticos de alcance intermédio e de cruzeiro foi aplicada apenas a mísseis terrestres. O tratado não proibiu a produção, a posse e o teste de mísseis balísticos ou cruzados de alcance intermediário ou marítimos. Por isso, ele previu que o teste de armas fora dos locais estipulados e sem a fiscalização devida, configurava a violação do mesmo.

A assinatura do Tratado INF para a URSS simbolizou um avanço em partes, principalmente pelo fato de que o medo do aumento da capacidade dos EUA estava sendo deixado de lado. A primeira metade da década de 1980 durante a Doutrina Reagan foi marcada pelo aprimoramento militar e tecnológico dos Estados Unidos, a exemplo do programa de Iniciativa de Defesa Estratégica (*Star Wars*), que não causou uma boa impressão para as lideranças da União Soviética.

Para Bohlen et al. (2012, p. 26) a URSS sofreu uma certa derrota política no que diz respeito às implantações do tratado, pois Gorbachev estava obstinado em mudar a realidade do país. Para tal, desmilitarizou as relações com o Ocidente e buscou uma nova definição de segurança por meio de acordos mútuos de redução e limitação de armas estratégicas com os Estados Unidos.

A assinatura do tratado significou de imediato o redirecionamento no que diz respeito às despesas dos programas militares dos Estados Unidos e também da União Soviética. Com o fim da lógica existente na corrida armamentista, ambos buscavam fortalecer outros setores de suas economias, especialmente a URSS que estava almejando mais transparência e reestruturação sob Mikhail Gorbachev que assumiu a liderança em um país totalmente desestruturado.

Frisamos que para Bohlen et al. (2012, p.19), os esforços de ambas as partes para que o Tratado INF tivesse sua concretização foram complexos e demorados. As negociações ocorreram em diversos níveis. Portanto, o Tratado INF apesar de ser complexo e prolongado, foi fortemente inovador naquele período.

No entanto, os Estados Unidos, mesmo após a assinatura do Tratado INF, ainda perceberam a importância do status de grande potência nuclear no sistema internacional, seja em uma ordem unipolar ou multipolar, como afirmou Weiland:

Pôde haver um período entre o fim da Guerra Fria e os dias atuais em que os EUA estiveram próximos de possuírem a primazia nuclear. Mas, historicamente, o sistema internacional alternou sua polarização entre momentos de primazia nuclear e o retorno da destruição mútua assegurada. Hoje em dia, esta busca pela primazia, por parte dos Estados Unidos, possui margem pequena de vantagem, devido aos revides de gastos empenhados por Rússia e China, o que acabará estabelecendo, em poucos anos, um sistema internacional predominantemente multipolar. (2014, p. 130)

O Tratado INF deixou um legado para as futuras negociações sobre o controle de armas estratégicas que foram realizadas após as gestões de Reagan e Gorbachev, as políticas de ambos fizeram com que as relações americano-soviéticas entrassem em uma nova fase.

O Tratado INF foi diferente de tudo que foi visto desde o final da Segunda Guerra Mundial no qual a lógica nuclear passa a ser supervalorizada. Enfim, o Tratado INF trouxe um conjunto de avanços que surtiram efeitos bons para as duas superpotências envolvidas no conflito indireto.

3.3 - AVALIAÇÃO FINAL DO TRATADO

Sobre o Tratado INF, pode-se chegar às seguintes conclusões: a primeira se relaciona com o seu impacto direto no fim da Guerra Fria, a segunda diz respeito ao fim da corrida armamentista e a terceira conclusão que se pode chegar no que concerne ao Tratado INF é que ele representou uma grande inovação no que diz respeito às negociações sobre desarmamento mútuo, servindo como base e exemplo para os demais acordos que viriam a surgir nas agendas internacionais no novo cenário do pós-guerra. Porém, em que concerne o real propósito existente por trás de acordos de desarmamento mútuo, há certas contradições e interesses envolvidos.

Conforme ponderou Aron (2002, p. 802), o “controle de armamentos” é feito inconscientemente pelos Estados. O objetivo central das limitações e de monitoramento nas produções das armas encontra-se no principal fator de que os atores internacionais buscam prevenir seus territórios de uma guerra termonuclear, evitando assim outros conflitos locais. Logo, sem perceber, os Estados trabalham indiretamente para que no sistema internacional não emerjam situações conflituosas.

Durante a assinatura do Tratado INF ambas as lideranças dos dois grandes países se mostraram contentes e satisfeitas com os avanços futuros que o tratado iria proporcionar na vida político-econômica dos Estados Unidos e da União Soviética. A URSS estava se recuperando do enfraquecimento econômico e os Estados Unidos buscavam acabar com o medo nuclear presente entre a população estadunidense e bem como no sistema internacional. Os dois lados queriam que a corrida armamentista parasse, mas a ausência de boas relações diplomáticas entre os dois grandes até 1985 prejudicou para que as negociações pudessem ser aceleradas.

Segundo Weiland (2014, p.127) a busca pelo aprimoramento militar e estratégico levou a União Soviética ao declínio durante os últimos momentos da Guerra Fria, pois ela não possuía capacidade de acompanhar militarmente os Estados Unidos. Logo, a conclusão que se pode chegar é que a assinatura do Tratado INF surgiu em um momento que a URSS buscava se recuperar da crise e o modelo socialista estava entrando em um processo de decadência junto com todo o bloco de países aliados da União Soviética.

Portanto, o dia 8 de dezembro de 1987, assinatura do Tratado INF, mudou o rumo nas relações-americanas soviéticas desde o surgimento da corrida armamentista e espacial entre os dois grandes. O presidente Ronald Reagan se mostrou satisfeito com o avanço conseguido durante o segundo mandato de sua gestão na presidência dos Estados Unidos e a assinatura do tratado durante a Guerra Fria simbolizou um novo momento para o povo estadunidense, como o presidente declarou:

For the first time in history, the language of “arms control” was replaced by “arms reduction” -- in this case, the complete elimination of an entire class of U.S. and Soviet nuclear missiles. Of course, this required a dramatic shift in thinking, and it took conventional wisdom some time to catch up. Reaction, to say the least, was mixed. To some the zero option was impossibly visionary and unrealistic; to others merely a propaganda ploy. Well, with patience, determination, and commitment, we've made this impossible vision a reality. (REAGAN, 1987)¹⁴

Como já era de conhecimento geral entre os estudiosos das Relações Internacionais e entre os economistas que analisavam a Guerra Fria, a principal função do Tratado INF foi manter a paz entre as partes que o integram, ou seja, a desmilitarização e o controle sobre as armas estratégicas tinham a premissa central de prevenir possíveis conflitos armados e garantirem que o mundo não emergisse em uma guerra nuclear que viesse a ser responsável pela destruição total do planeta.

Na visão de Aron (2002, p. 821) o sistema internacional no século XX era bipolar e mundial, em outras palavras, não há sequer alguma região no mundo que não seja afetada pelas relações entre os dois grandes protagonistas da Guerra Fria. O sistema era considerado bipolar pelo fator principal de que apenas EUA e URSS tinham posse de armas decisivas que poderiam devastar o mundo, destruir grandes populações e devastar muitas cidades.

Nesse contexto, o Tratado INF veio com a principal missão de acabar com complexa atmosfera bipolar existente historicamente nas relações americano-soviéticas, o então chamado “Império do Mal” combatido fortemente por Reagan durante o seu primeiro mandato, passou a ser um importante aliado diplomático que foi decisivo para que o ambiente harmônico retornasse no sistema internacional. Como bem reforçou o tratado em seus artigos, a importância das inspeções e a vigilância mútua entre as partes serve em especial para que o tratado possa ser reconhecido e respeitado pelos dois atores internacionais envolvidos.

¹⁴ Pela primeira vez na história, a linguagem de "controle de armas" foi substituída por "redução de armas" - neste caso, a eliminação completa de uma classe inteira de mísseis nucleares soviéticos e estadunidenses. Claro, isso exigiu uma mudança dramática no pensamento, e demorou algum tempo para recuperar o atraso. A reação, pelo menos, foi mesclada. Para alguns, a opção zero era impossivelmente visionária e pouco realista; para outros simplesmente um estratagema de propaganda. Bem, com paciência, determinação e compromisso, tornamos essa visão impossível uma realidade. (REAGAN, 1987, tradução do autor).

As lideranças políticas dos Estados Unidos e da União Soviética tinham o entendimento sobre as consequências de uma possível guerra nuclear, por essa razão que tanto os EUA quanto a União Soviética investiam em armamentos e tecnologia durante o decorrer da Guerra Fria, essencialmente para disseminar o medo um no outro e dessa maneira garantir o status de maior potência militar e nuclear.

Para Sagan (1996, p.86) os Estados Unidos se encontram em um complexo dilema, pois, há o contraste existente entre os Estados Unidos aumentar seu status internacional e restringir a proliferação entre os aliados que pode causar tensões nas relações internacionais. Nessa lógica, os Estados Unidos não deviam produzir outros Estados nucleares e ao mesmo tempo devem pensar na sua própria segurança de forma que consigam garantir a proteção de seus interesses nacionais.

Mikhail Gorbachev se mostrou aberto ao diálogo com os Estados Unidos do começo até o término de sua gestão. Os seus maiores planos políticos e econômicos foram centralizados em reerguer a União Soviética e colocar um fim na crise econômica, política e social que a URSS vinha enfrentando desde a década de 1970. No que diz respeito ao socialismo e a sua decadência, Gorbachev buscou aprimorar a ideologia através de medidas inovadoras, porém, os eventos que sucederam o Tratado INF foram difíceis para que esse aprimoramento se concretizasse.

Com a queda do muro de Berlim e o agravamento da crise do socialismo no começo da década de 1990, o fim da URSS se acelerou. A assinatura do tratado representou para a política externa soviética uma inovação na gestão se comparada às gestões anteriores pelas quais a URSS passou, como explicou Gorbachev nesse trecho:

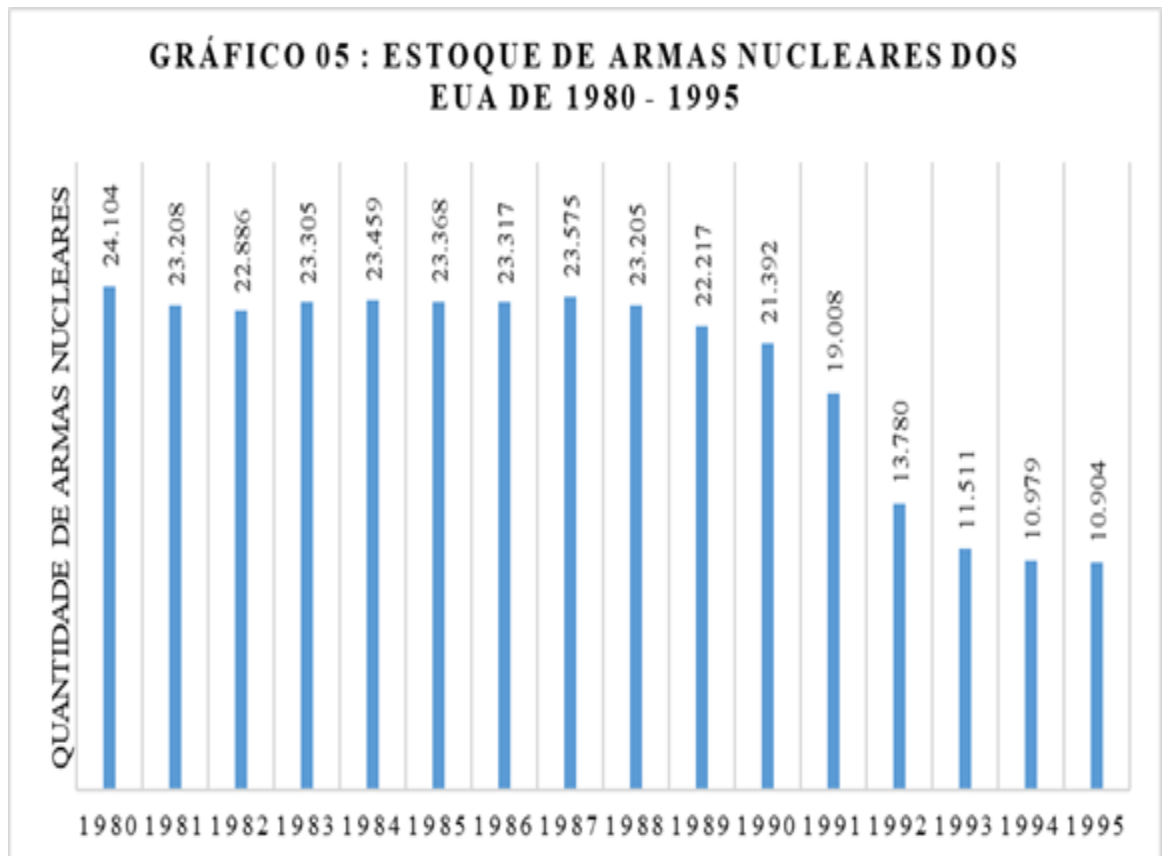
Mr. President, ladies and gentlemen, comrades, succeeding generations will hand down their verdict on the importance of the event which we are about to witness. But I will venture to say that what we are going to do, the signing of the first-ever agreement eliminating nuclear weapons, has a universal significance for mankind, both from the standpoint of world politics and from the standpoint of humanism. (GORBACHEV, 1987)¹⁵

As negociações anteriores à década de 1980 sobre o controle de armamentos, como o SALT-I, foram importantes para frear a corrida armamentista, mas não obtiveram a eficácia esperada e ainda havia insatisfação entre as partes.

¹⁵ Senhor Presidente, Senhoras e Senhores, os camaradas, as gerações futuras darão o seu veredito sobre a importância do evento que estamos prestes a testemunhar. Mas eu me atrevo a dizer que o que vamos fazer, a assinatura do primeiro acordo que elimina as armas nucleares, tem um significado universal para a humanidade, tanto do ponto de vista da política mundial quanto do ponto de vista do humanismo. (GORBACHEV, 1987, tradução do autor)

No começo dos anos 1980, a Guerra Fria foi revivida e a agenda internacional necessitava que os debates sobre limitação de armamentos retornassem para as principais pautas de discussão, fazendo assim com que o diálogo constante entre os EUA e a URSS possa gerar bons resultados.

Conforme mostra abaixo o gráfico 05, é possível perceber os reflexos diretos do Tratado INF nos gastos dos Estados Unidos com Defesa. A primeira metade da década de 1980 foi marcada pelo aumento dos investimentos na produção de armas estratégicas, o começo da segunda metade os investimentos e os estoques de armas nucleares se mantiveram, pois como já foi reforçado anteriormente, o começo da década de 1980 representou o aumento da tensão para as relações americano-soviéticas, no qual o tom mais firme e conservador de Reagan fez com que a sua política de contenção ao avanço comunista fosse uma prioridade primária durante o seu primeiro mandato no poder.



Fonte: Organizado pelo autor; baseado em: *U.S. DEPARTMENT OF STATE- Transparency in the U.S. Nuclear Weapons Stockpile*. Disponível em: (<https://2009-2017.state.gov/t/avc/rls/225343.htm>). Acesso em: 03 de janeiro de 2018.

Entretanto, de acordo com o gráfico 05, analisando os anos de 1987 até 1991, é possível notar uma diminuição no estoque de armas nucleares dos Estados Unidos de 23.575 para 19.008. O Tratado INF desde que entrou em vigor, já mostrou avanços e mudou o comportamento estatal dos Estados Unidos.

Ainda analisando o gráfico 05, durante a gestão do primeiro mandato de George H. Bush, a diminuição se intensificou ainda mais. No ano de 1992 o valor do estoque de armas nucleares passa de 13.780 para 10.904 no ano de 1995. Tais valores representam propriamente a mudança na postura dos Estados Unidos diante do fim da Guerra Fria e perante o surgimento de novos desafios.

Na concepção de Kissinger (1994, p. 802), a vitória na Guerra Fria não poderia ser atribuída apenas para uma única administração e sim para uma série de esforços conjuntos que foram alcançados pelas administrações anteriores, fazendo com que futuramente o diálogo fosse possível entre os EUA e a URSS. O fenômeno visto na Doutrina Reagan surgiu precisamente de uma convergência de personalidade e de muitas oportunidades, todos esses elementos englobam uma militância ideológica, flexibilidade pública e principalmente diplomática americana que foram essenciais para o momento de fraqueza que a União Soviética vinha enfrentando.

É interessante frisar que o Tratado INF foi bem recebido por diversos países ao redor do mundo, ou seja, presenciar que os dois grandes estavam buscando encerrar a corrida armamentista foi positivo para que o medo nuclear acabasse no sistema internacional. A primeira-ministra britânica Margareth Thatcher avaliou o tratado como um grande avanço para as partes envolvidas e todos os grandes esforços conjuntos entre as importantes lideranças políticas influenciaram diretamente na concretização do tratado.

Para Woolf (2017, p.10) os Estados Unidos já pensavam no controle e na limitação de armamentos em 1981 quando Ronald Reagan assume o cargo presidencial, pois a intenção do Republicano era eliminar os mísseis SS-20, SS-4 e SS-5 da URSS em troca do cancelamento dos planos das implantações da OTAN, essa lógica foi denominada de “opção zero”. A eliminação de todas as armas nucleares e o congelamento na produção de armamentos foram planejamentos de Reagan a longo prazo que simbolizavam uma continuidade aos esforços feitos anteriormente durante os anos de 1970.

De acordo com o artigo 13 do Tratado INF (UNITED STATES OF AMERICA, 1987) ambas as partes envolvidas no acordo deveriam marcar presença em reuniões no âmbito da Comissão Especial de Verificação, justamente para resolver as questões pertinentes ao cumprimento das obrigações assumidas ao assinar o tratado e dessa forma, buscar em conjunto as medidas necessárias para que haja melhora na viabilidade e bem como na eficácia do tratado. O comprometimento mútuo das partes envolvidas no tratado era importante especialmente pelo fato de que as obrigações comuns dos Estados Unidos e da União Soviética deveriam ser cumpridas.

Outro aspecto interessante que se pode concluir é o fato do Tratado INF ser significativo para os Estados Unidos e para a União Soviética pelo fato de que a intenção de Reagan e Gorbachev ao assinarem oficialmente em 1987 era que o tratado tivesse um processo de continuidade e principalmente de cumprimento nas gestões futuras de seus sucessores. Logo, é central reconhecer que o tratado trouxe uma série de discussões importantes para o melhor relacionamento diplomático entre os dois países.

Os momentos que sucederam a assinatura do Tratado foram centrais para que os Estados Unidos mudassem o seu comportamento no sistema internacional, como reforçado por Biagi:

Com a queda do muro de Berlim em 1989 e a desestruturação do império soviético em 1991, desapareceu o “inimigo” que justificava a política de intervenção global dos Estados Unidos - o comunismo não precisava mais ser “contido” pelo simples fato de não existir mais, com algumas (e frágeis) exceções, como a isolada e subestimada Cuba (a China, apesar de ser uma ditadura, promoveu uma intensa e lucrativa abertura econômica com o ocidente). (2004, p.104).

Por fim, a avaliação final que pode ser extraída do Tratado INF e seus principais reflexos na economia dos Estados Unidos e no fim da Guerra Fria é que ele representou uma grande inovação no que se refere aos demais acordos e negociações sobre desarmamento mútuo e limitação das armas estratégicas. O Tratado INF foi crucial para que o conflito entre EUA e URSS acabasse e as relações internacionais entrassem em um novo momento na Nova Ordem Mundial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou não somente avaliar os aspectos econômicos dos Estados Unidos no desenvolvimento da sua economia de guerra durante o período do fim da Guerra Fria, mas também centrou-se em abordar os aspectos políticos e ideológicos existentes nesse importante momento histórico para as relações internacionais.

Percorridos os três capítulos desta monografia, é possível observar a complexidade das discussões que envolvem a economia de guerra e como os campos das Relações Internacionais podem vir a contribuir e oferecer relevantes reflexões sobre o tema. O desenvolvimento do presente estudo permitiu analisar, compreender e investigar através de um estudo bibliográfico, como os Estados Unidos se comportaram no que diz respeito a sua estratégia no final da Guerra Fria.

A análise que foi desenvolvida neste trabalho permitiu um breve entendimento de como a política externa estadunidense se mostrou durante os anos de 1980 na administração de Reagan, até o começo de 1990 na gestão de George H. Bush. A investigação e a análise dos principais projetos, programas e das ações conservadoras de Ronald Reagan contribuíram para que um bom estudo da conjuntura política dos Estados Unidos naquele período pudesse ser feito.

A elaboração desse trabalho permitiu a confirmação de que os projetos políticos dos Estados Unidos durante os anos de 1980, foram centralizados em grande parte em buscar ultrapassar a capacidade militar da União Soviética, fazer com que os Estados Unidos se recuperassem rapidamente da crise econômica internacional vista nos anos de 1970 e conseqüentemente em dar um desfecho para a rivalidade existente por décadas com a URSS.

Para conseguir alcançar tais objetivos, ocorreram intervenções estatais estadunidenses em diferentes regiões pelo mundo que buscaram conter a influência soviética e a priorização nos gastos com os programas militares do governo fizeram com que os soviéticos enfraquecessem ainda mais economicamente, por não possuírem recursos financeiros para acompanharem os Estados Unidos na corrida armamentista.

Nesse sentido, os bons resultados que foram conseguidos pelos EUA durante os momentos finais da Guerra Fria se devem em boa parte pela fragilidade econômica que a URSS enfrentava, pelas transformações nos campos políticos que foram postas em práticas por Mikhail Gorbachev e pela crise do regime socialista que estava ocorrendo em todos os países aliados da União Soviética. Diante desse contexto, outro fator determinante que fez com que o conflito indireto entre os dois grandes terminasse, foi a desintegração gradual da União Soviética durante os momentos finais da Guerra Fria.

Os Estados trabalham constantemente para garantirem a própria segurança e a preservação de seus interesses e partindo dessa hipótese, com o estudo realizado nesta monografia, foi possível constatar que durante a Guerra Fria os Estados Unidos buscaram em primeiro lugar a contenção do avanço do comunismo pelo mundo, buscando a expansão do modelo capitalista e o aumento de suas zonas de influência para alcançarem novamente o status de grande potência mundial.

A administração de Reagan almejou combater e amedrontar os principais rivais do país através de altos investimentos em defesa, apresentando um teor bastante nacionalista que colocou os EUA e a segurança de sua população como prioridades na política externa que foi adotada naquela época, na qual a soberania do país estava sendo posta em risco por causa das ameaças existentes naquele período histórico.

Os resultados obtidos na pesquisa mostraram que até metade da década de 1980, durante o primeiro mandato do republicano Ronald Reagan, a Guerra Fria entre os dois grandes foi revivida e conseqüentemente, a *détente* vista na década de 1970 entre os Estados Unidos e a União Soviética teve a sua finalização.

Neste aspecto, concluímos com a pesquisa realizada nesta monografia que a economia de guerra estadunidense esteve mais forte até 1985, momento no qual os EUA trabalharam para aumentar suas capacidades militares, nucleares e de defesa. O que se constatou durante o segundo mandato do republicano Ronald Reagan, foi justamente o retorno das melhores relações diplomáticas com a URSS e a consolidação de importantes acordos sobre o controle e a limitação de armamentos que colocaram um fim na hostilidade mútua entre ambos.

É interessante ressaltar que durante o desenvolvimento desta pesquisa, foi possível verificar a mudança de direcionamento da política externa estadunidense para com os soviéticos após o ano de 1985. As relações bilaterais tiveram seu melhoramento e as negociações sobre o limite e o controle de armas estratégicas retornaram para as agendas tanto dos Estados Unidos quanto da União Soviética, sob a liderança de Mikhail Gorbachev. As ações da doutrina Reagan e a consolidação das boas relações diplomáticas com os soviéticos contribuíram para que a Guerra Fria tivesse seu desfecho.

Os principais instrumentos e ferramentas de pesquisa utilizados nessa monografia foram análises de gráficos dos gastos militares, gastos com tecnologia e armas nucleares dos Estados Unidos de 1980 até 1991. A coleta de tais dados foram importantes para que a pesquisa pudesse de fato alcançar seus principais objetivos e para que o método adotado pudesse de fato comprovar como os EUA se comportaram no que diz respeito a sua estratégia durante os onze últimos anos da Guerra Fria.

As contribuições científicas de importantes autores das Relações Internacionais e dos Estudos Estratégicos como embasamento teórico foram centrais para o esforço de contextualização da pesquisa. Autores como Eric Hobsbawn, Henry Kissinger, Kenneth Waltz, Robert Higgs, Raymond Aron, Carl Sagan, e entre outros, foram determinantes para mostrar como os Estados Unidos se comportaram diante de um possível cenário de guerra no qual a sua soberania sentia-se ameaçada e bem como os seus interesses.

Avaliamos que se torna necessária a maior disseminação do tema dentro dos polos de produção de conhecimento no Brasil, justamente para que os acadêmicos conheçam mais sobre o que vem a ser a economia de guerra, para que posteriormente sejam desenvolvidas outras pesquisas de forma mais aprofundada.

Nesse sentido, a análise econômica dos gastos militares dos Estados Unidos foi bastante interessante e conseguiu ajudar na compreensão de como os Estados Unidos se comportaram no que concerne à sua estratégia durante o período do fim da Guerra Fria. Foi possível avaliar que importantes mudanças ocorreram nos Estados Unidos em seu planejamento estratégico e na sua política externa de 1980 até 1991.

Para que futuras pesquisas sobre o tema possam vir a ser realizadas, torna-se essencial que a temática possa ser abordada de outros pontos de vista, além dos aspectos econômicos. Como por exemplo, pelo aspecto sociológico ou cultural que poderia mostrar como as produções cinematográficas e a indústria nos Estados Unidos de forma geral trabalharam para fortalecerem o papel internacional do país durante a Guerra Fria.

Analisar e investigar o comportamento estatal de um ator internacional pelo ponto de vista econômico, mostrou-se uma tarefa difícil e interessante ao mesmo tempo, as contribuições dos campos das Relações Internacionais se mostraram pertinentes para que o estudo pudesse vir a ter um importante embasamento teórico.

Enfim, todo esse conjunto de fatores presentes nas relações dos Estados Unidos com a União Soviética foram importantes para que haja o entendimento da transição de estrutura da ordem bipolar para a Nova Ordem Mundial no sistema internacional. Os desafios presentes nesse novo momento do sistema internacional são diversos e apresentam suas complexidades, envolvendo um número ainda maior de atores estatais e não-estatais.

Com o fim da Guerra Fria, novos conflitos emergem nas relações internacionais e as agendas internacionais passam a abordar outras discussões que agora não se limitavam apenas entre duas superpotências. O fim do conflito indireto entre os EUA e a URSS fez com que novos fenômenos ganhassem mais destaque, a exemplo da globalização que trouxe o aceleramento urbano e mudanças nas estruturas hierárquicas de poder pelo mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARON, R. **Paz e guerra entre as nações**. São Paulo: Editora Universidade de Brasília, 2002.
- ÁVILA, F. et al. **Armas estratégicas e poder no sistema internacional: o advento das armas de energia direta e seu impacto potencial sobre a guerra e a distribuição multipolar de capacidades**. Contexto internacional. vol.31 no.1 Rio de Janeiro Jan./Abr. 2009. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-85292009000100002>. Acesso em: 27/12/17.
- BIAGI, Orivaldo Leme. **O imaginário da Guerra Fria**. Revista de História Regional, 2001. Disponível em: < >. Acesso em: 17/12/17.
- BOHLEN, Avis. et al. **The Treaty on Intermediate-Range Nuclear Forces: History and Lessons Learned**. Brookings Arms Control Series, Paper 9, December, 2012. Disponível em: < <https://www.brookings.edu/wp-content/uploads/2016/06/30-arms-control-pifer-paper.pdf> >. Acesso em 25/12/17.
- CLAUSEWITZ, Carl von. **Da Guerra**. Martins Fontes. São Paulo, 1979.
- CORTEZ, Ana. et al. **O período de 1981 a 1985 do governo Reagan e o processo de consolidação dos Eua como principal potência mundial**. In: Congresso Nacional de História Econômica, 2015. Disponível em: < http://www.abphe.org.br/arquivos/2015_ana_claudia_cortez_carlos_eduardo_carvalho_patricia_cunha_o-periodo-de-1981-a-1985-do-governo-reagan.pdf >. Acesso em: 11/12/2017.
- CORTEZ; Ana; LOBO; Carlos. **O Programa “Guerra nas Estrelas” e o governo Reagan**. CADUS-Revista de História, Política e Cultura, São Paulo, v.1, n.1, Julho,2015. Disponível em: < <https://revistas.pucsp.br/index.php/polithicult/article/download/23724/17006> >. Acesso em: 18/12/17.
- DOBSON, Alan P. **Reagan’s Strategies and Policies: Ideology, Pragmatism, Loyalties, and Management Style**. Essay, Enduring Legacy Project, John A. Adams ’71 Center for Military History & Strategic Analysis, Virginia Military Institute, 2014.
- GADDIS, John L. **História da Guerra Fria**. Editora Nova Fronteira, 2006.
- GALBRAITH, James K. **The Meaning of a War Economy**. Challenge, vol. 44, no. 6, November/December 2001, pp. 5–12. Disponível em: <<http://sci-hub.bz/http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/05775132.2001.11034132?needAccess=true&journalCode=mcha20>>. 03/12/17.
- GARTHOFF, Raymond L. **Détente and Confrontation: from Nixon to Reagan**. The Brookings institution; 1994. Disponível em: < <https://www.ucis.pitt.edu/nceeer/pre1998/1982-625-4-Garthoff.pdf>>. Acesso em: 21/11/2017.
- GLANTZ, David M. **Reagan and the Soviet Union: Competing Military Strategies, 1980-1988**. Essay, Enduring Legacy Project, John A. Adams ’71 Center for Military History & Strategic Analysis, Virginia Military Institute, 2014. Disponível em:<http://www.vmi.edu/media/content-assets/documents/adams-center/4-Military-Strategies_Final.pdf >. Acesso em: 10/12/17.

GOODHAND, Jonathan. **From war economy to peace economy?**. London School of Economics and Political Science and University of Bonn. 30 May – 1 June, 2003. Disponível em: < http://eprints.lse.ac.uk/28364/1/Goodhand_LSERO_version.pdf >. Acesso em: 02/12/17.

GORBACHEV, Mikhail. **Perestroika: New Thinking for Our Country and the World**. (New York: Harper & Row, 1987).

HALLIDAY, Fred. **A Guerra Fria e seu Fim: Consequências para a Teoria das Relações Internacionais**. Contexto Internacional, 16 (1): 53-73, jan/jun 94. Disponível em: < http://contextointernacional.iri.puc-rio.br/media/Halliday_vol16n1.pdf>. Acesso em: 25/11/17.

HERTLE, H. **The Fall of the Wall: The Unintended Self-Dissolution of East Germany's Ruling Regime**. Cold War International History Project Bulletin, Washington, D.C., n. 12-13, p.131-164, 2001. Disponível em: <https://zzf-potsdam.de/sites/default/files/mitarbeiter/hertle/2009_04_08_cwihp_bulletin_12_hertle_fall_wall.pdf>. Acesso em: 29/11/17.

HIGGS, Robert. **The Cold War Economy: Opportunity Costs, Ideology, and the Politics of Crisis**. Explorations in Economic History 31 (July): 283-312. Disponível em: < <http://www.independent.org/publications/article.asp?id=1297>>. Acesso em: 16/11/17.

HOBSBAWM, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX. Capítulo 8: A Guerra Fria. 1941-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p.223-251.

JACOB, Charles E. **Reaganomics: The revolution in American political Economy**. By Law and Contemporary Problems. Vol. 48: No. 4. 1985. Disponível em: <<https://scholarship.law.duke.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=3812&context=lcp>>. Acesso em: 05/12/17.

JENTLESON, Bruce W. **The Reagan Administration and Coercive Diplomacy: Restraining More Than Remaking Governments**. The Academy of Political Science. Political Science Quarterly, Vol. 106, No. 1, pp. 57-82. Spring, 1991. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2152174>>. Acesso em: 08/12/17.

KAUFMAN, Robert G. **The First Principles of Ronald Reagan's Foreign Policy**. The Heritage Foundation's First Principles Series. No. 40. 2014. Disponível em: < https://thf_media.s3.amazonaws.com/2011/pdf/fp0040.pdf >. Acesso em 09/12/17.

KISSINGER, Henry A. **Diplomacy. Chapter Thirty: The End of the Cold War: Reagan and Gorbachev**. Simon & Schuster Paperbacks: Rockefeller center, 1994.

KNOPF, Jeffrey W. **Did Reagan Win the Cold War?**. Center For Contemporary Conflict. Strategic Insights, Volume III, Issue 8, August, 2004. Disponível em: < <https://www.hsdl.org/?view&did=444565>>. Acesso em 25/12/2017.

LAZZARI, Luigi L. **The Strategic Defense Initiative and the end of the cold war**. Naval Postgraduate School. Monterey, California. Thesis, Mach 2008. Disponível em: <https://calhoun.nps.edu/bitstream/handle/10945/4210/08Mar_Lazzari.pdf?sequence=1>.

Acesso em: 07/12/17.

MARINHO, Havana. **Estados Unidos: o contexto dos anos 1970 e as crises do petróleo.** Revista eletrônica história em reflexão (UFGD), v. 4, p. 1-10, 2010. Disponível em: < <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/753/469> >. Acesso em: 09/11/17.

MCMAHON, Robert. **La Guerra Fría: Una Breve Introducción.** Alianza Editorial, S.A, 2009.

MELLO FILHO, Marcelo S. **A Economia Política do governo Reagan: Estado neoliberal, tributação e gasto público federal nos Estados Unidos da América entre 1981 e 1988.** Universidade Federal do Rio de Janeiro: Instituto de Economia. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: < http://www.ie.ufrj.br/images/pos-graduacao/ppge/marcelo-soares_a_economia_politica.pdf>. Acesso em: 27/12/17.

POSEN, Barry; EVERA, Stephen. **Defense Policy and the Reagan Administration: Departure from Containment.** The Mit Press. International Security, Vol. 8, No. 1, pp. 3-45. Summer, 1983. Disponível em: < <https://www.belfercenter.org/sites/default/files/legacy/files/CMC50/BarryPosenStephenVanEveraDefensePolicyandtheReagan%20AdministrationDeparturefromContainment.pdf> >. Acesso em: 06/12/17.

RODRIGUES, Robério. **O colapso da URSS: um estudo das causas.** Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em História Econômica) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: < <http://br.monografias.com/trabalhos917/colapso-urss-causas/colapso-urss-causas.pdf>>. Acesso em: 13/11/17.

SAGAN, S. D. **“Why do states build nuclear weapons? Three models in search of a bomb”.** In: International Security, v.21, n.3, p.54-86, 1996. Disponível em: < https://fsi.stanford.edu/sites/default/files/Why_Do_States_Build_Nuclear_Weapons.pdf>. Acesso em: 22/11/17.

SAGAN, Carl; TURCO, Richard. **Nuclear Winter in the Post-Cold War Era.** Source: Journal of Peace Research, Vol. 30, No. 4 (Nov., 1993), pp. 369-373. Disponível em: < <http://wvaughan.org/notes/Nuclear%20winter.pdf>>. Acesso em: 25/12/17.

SARAIVA, José. **História das relações internacionais contemporâneas: da sociedade internacional do século XIX à era da globalização.** São Paulo: Saraiva, 2008.

SÁ, Tiago M. **Os Estados Unidos e o fim da Guerra Fria.** Relações Internacionais, pp.15-29, Setembro, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/ri/n43/n43a02.pdf>>. Acesso em 15/11/17.

SCOVILLE, Ryan. **The Intermediate-Range Nuclear Forces Treaty at a Glance.** ARMS CONTROL ASSOCIATION, Fact Sheet, February, 2003. Disponível em: < <https://courses.physics.illinois.edu/phys280/sp2017/archive/INFtreaty.pdf>>. Acesso em: 24/12/17.

SHAFI, A. T. M. **War Economics as positive science: from traditional to modern political economy**. IMPACT: International Journal of Research in Applied, Natural and Social Sciences (IMPACT: IJRANSS). Vol. 1, Issue 3, pp. 75-86, Aug 2013. Disponível em: <<http://www.impactjournals.us/download.php?fname=-1376125719-9.%20Applied-War%20Economics-A.T.M.Abdullahel%20Shafi.pdf>> Acesso em: 30/11/17.

SILVA, Rodrigo C. **Era Reagan: política externa, militarização e conservadorismo estadunidense na Nova Guerra Fria?** In: VI Congresso Internacional de História: Democracia e Autoritarismo no mundo contemporâneo, 2013, Maringá - PR. Anais do VI Congresso Internacional de História, 2013. Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2013/trabalhos/251_trabalho.pdf>. Acesso em: 12/12/17.

THOMPSON, Edward P. **Exterminismo e Guerra Fria**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

UNITED STATES. President. (1981-1989: Ronald Reagan). **Remarks and a Question and Answer Session During a Teleconference With Members of the Republican Northeast Regional Leadership Conference**. September 23, 1983. Disponível em <<https://www.reaganlibrary.archives.gov/archives/speeches/1983/92383a.htm>> Acesso em: 10/11/17.

UNITED STATES. President. (1981-1989: Ronald Reagan). **President Ronald Reagan Speech at the Brandenburg Gate West Berlin**. Germany 14:20, June 12, 1987. Disponível em: <http://www.au.af.mil/au/awc/awcgate/speeches/reagan_berlin.htm>. Acesso em 25/11/17.

UNITED STATES. President. (1981-1989: Ronald Reagan). **Ronald Reagan's "Star Wars" Speech**. (Complete Text) March 23, 1983. Disponível em: <<http://pierretristam.com/Bobst/library/wf-241.htm>>. Acesso em: 06/12/17.

UNITED STATES. President. (1933-1945: Franklin Roosevelt). **"The Great Arsenal of Democracy"** speech. 29 December 1940. Disponível em: <<http://www.americanrhetoric.com/speeches/fdrarsenalofdemocracy.html>>. Acesso em: 04/12/17.

UNITED STATES. President. (1981-1989: Ronald Reagan and Gorbachev: 1985-1991). **Remarks on Signing the Intermediate-Range Nuclear Forces Treaty**. December 8, 1987. Ronald Reagan Presidential Library & Museum. Disponível em:<<https://www.reaganlibrary.gov/sites/default/files/archives/speeches/1987/120887c.htm>>. Acesso em: 03/01/18.

U.S. DEPARTMENT OF STATE. **Intermediate-Range Nuclear Forces**. Washington, DC, December 8, 1987. Disponível em:< <https://www.state.gov/t/avc/trty/102360.htm#text>>. Acesso em: 01 de Jan. de 2018.

VAÏSSE, Maurice. **As relações internacionais a partir de 1945**. Editora Martins Fontes, 2013.

WAGNER, H. **What was bipolarity?** . International Organization, MIT press, v. 47, n. 1, p. 77-106, Winter 1993. Disponível em: < <https://sci-hub.tw/https://www.cambridge.org/core/journals/international-organization/article/what-was-bipolarity/DA9DF542DE678DCAB2EEAAAD02708530>>. Acesso em: 10/11/17.

WALTZ, Kenneth N. **O Homem, o Estado e a Guerra: uma análise teórica**. São Paulo: Martins Fontes, 331p, 2004.

WALTZ, Kenneth. **“The Spread of Nuclear Weapons: More May Better,”** Adelphi Papers, Number 171 (London: International Institute for Strategic Studies, 1981). Disponível em: <<http://home.sogang.ac.kr/sites/jaechun/courses/Lists/b6/Attachments/39/5.%20The%20spread%20of%20nuclear%20weapons.pdf>>. Acesso em: 17/11/17.

WEILAND, C. **As consequências da busca norte-americana pela primazia nuclear**. Revista Conjuntura Global, v. 3, p. 125-131, 2014. Disponível em: <<http://www.humanas.ufpr.br/portal/conjunturaaglobal/files/2015/01/As-consequ%C3%Aancias-da-busca-norte-americana-pela-primazia-nuclear.pdf>>. Acesso em: 03/01/18.

WOOLF, Amy. **Russian Compliance with the Intermediate Range Nuclear Forces (INF) Treaty: Background and Issues for Congress**. Congressional Research Service, December 6, 2017. Disponível em: <<https://fas.org/sgp/crs/nuke/R43832.pdf>>. Acesso em: 22/12/17.

WOOLF, Amy. et al. **Arms Control and Nonproliferation: A Catalog of Treaties and Agreements**. Congressional Research Service, April 13, 2016. Disponível em: <<https://fas.org/sgp/crs/nuke/RL33865.pdf>>. Acesso em: 23/12/17.

YOST, David S. **Strategic Stability in the Cold War: Lessons for Continuing Challenges**. Proliferation Papers, No. 36, Winter 2011. Disponível em: <<https://www.ifri.org/sites/default/files/atoms/files/pp36yost.pdf>>. Acesso em: 13/12/17.